

BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1903

N.º 101

Inglaterra e Portugal



Sir Martin Gosselin

Ministro plenipotenciario de Inglaterra em Lisboa



Marquês de Soveral

Ministro plenipotenciario de Portugal em Londres

Política Internacional

A russificação da Finlândia, não obstante os esforços empregados pela burocracia de S. Petersburgo e a desproporção das forças que cada um dos adversários pode chamar em seu auxílio, vai encontrando muito maiores obstáculos do que a princípio se supunha. Com efeito, todos imaginavam que a absorção do pequeno grão-ducado, tão escasso em população, pois toda ella mal chega a dois milhões e meio de habitantes, seria empresa fácil para a Rússia colossal, cujos milhões de soldados a um simples aceno do tsar podem literalmente inundar a «terra dos mil lagos». O desfecho da lucta entre os boers e os ingleses acabou de fornecer uma derradeira prova, se alguma mais ainda era necessaria, de quanto vale o patriotismo por mais acrisolado que seja contra os Krupps e os Maxims, esta sinistra «ultima razão dos reis»... E note-se que no sul da Africa as condições de resistencia dos transvaalios contra a Inglaterra eram incomparavelmente superiores ás da Finlândia contra uma invasão da Rússia.

O que foi empresa custossissima para o exercito inglez, transportado a milhares de legoas de distancia da metropole e tendo de luctar com um conjunto de circumstancias locais, parece que adrede preparadas para protegerem a independencia das duas republicas, converter-se-hia para o exercito russo, acantonado mesmo ao pé da fronteira finnica, n'um simples passeio militar, que em pouco mais de horas o levaria a Helsingfors, tornando por assim dizer toda a defesa impossivel. Ninguém, nem mesmo os mais apaixonados defensores da Finlândia, pode pôr em duvida esta asserção, que é verdade axiomática e correntia perante as condições da guerra moderna. E assim também o comprehenderam, com um senso pratico que faz honra á sua superior illustração, os proprios finlandezes. Nem um momento sequer pensaram em provocar por qualquer movimento revolucionario uma intervenção armada da Rússia, cujo desfecho sabiam muito bem qual seria.

Pelo contrario. A's provocações repetidas do general Bobrikov, o proconsul encarregado da odiosa missão de esmagar as liberdades finlandezas, tem respondido os habitantes do grão-ducado com a attitude mais esmeradamente correcta. Nem um grito subversivo, nem uma tentativa de resistencia pela força, nem uma conspiração. Apenas a revolta pacifica e passiva em nome da lei. Nada mais.

Mas é exactamente esta attitude que desnoerta a burocracia de S. Petersburgo e os seus delegados em Helsingfors. Diante de uma revolução sabia o militarismo russo o que podia fazer. Em face, porém, da resistencia legal e tranquilla de uma população inteira, não tem meio algum efficaç que possa empregar, porque não ha-de ordenar o tustilamento em massa de toda a população. É em verdade uma situação complicada e quasi unica! Os magistrados recusam se a applicar por illegaes os *ukases* mandados de S. Petersburgo. Claro está que o governo russo demitte acto continuo esses magistrados. Não os pode no entretanto substituir, porque na Finlândia todos se recusam a ir occupar os logares vagos. E, o que acontece com os juizes e os empregados superiores da administração, dá-se igualmente com os mais modestos empregados, que preferem a fome e a miseria a collaborarem na obra de despotismo, que está victimando a patria.

O anno passado chamou-se ás fleiras, já pela nova lei militar, a classe de 1881. Mais de 60 % das recrutadas não se apresentaram, apesar de todas as intimações e ameaças. Todas as probabilidades são que este anno acontecerá o mesmo com a classe de 1882. Que pode o governo fazer contra esta *grêve* de nova especie? Mandar prender e castigar os fugitivos? Mas isso é completamente impraticavel n'um paiz como a Finlândia, tão extenso e tão despovoado, e de mais a mais em grande parte coberto de impenetraveis florestas, e de lagos e charcos, que constituem segurissimo refugio. Além d'isso, e como se esta defeza natural não bastasse, a população inteira será para os refractarios do serviço militar a cumplice consciente, que os protegerá, denunciando todos os passos dos perseguidores que conseguirem através de tantas difficuldades internar-se no paiz. Será uma desapiadada «caça ao homem», em que os russos não levarão a melhor, pois correrão atraz de sombras intangiveis, que se lhes escaparão nas tristes solidões, onde os exercitos regulares não podem penetrar.

A resistencia passiva, pela recusa do serviço militar, vem ainda juntar-se o recurso supremo da emigração, que é um processo também, e o mais radical, de se subtrahir ás imposições do general Bobrikov. O exodo da população valida do paiz está assumindo proporções assustadoras, pois ameaça converter dentro de pouco tempo toda a Finlândia n'um ermo. Nos annos de 1889 a 1898 a media annual da emigração foi de 3.500 pessoas. Nos annos seguintes elevou-se a 12.000, quer dizer, quasi quadruplicou. Em 1902 attingia a cifra de 22.000, isto é, mais do que sextuplicou com relação ao que era apenas ha quatro annos. E note-se que n'este ultimo numero não está incluída a emigração pela fronteira terrestre, que se dirige para a Suecia! Tão vastas proporções está assumindo esta sahida em massa

da população valida do paiz, que os espiritos mais reflectidos começam a recar pelo futuro da nação assim desasturada das forças, que lhe são indispensaveis para a lucta que traz empenhada com o inimigo numericamente tão superior.

Assim resistencia aos *ukases* illegaes, recusa de serviço militar, e por ultimo emigração, são os meios pacificos de que se serve o povo finlandez para fazer face á desnaçãoalizacao com que o ameaçam.

Quanto tempo durará este singular duello, em que á força apenas se oppõe a tenacidade da resistencia passiva? Tudo leva a crêr que a lucta se pode prolongar bastante, quasi indefinidamente. Um primeiro resultado já á oppressão russa produziu, e este bem desfavoravel para o futuro da russificação do paiz. É sabido que ha muitos annos, por assim dizer desde o dia em que a Finlândia adquiriu a consciencia da sua autonomia nacional, durava a opposição entre o partido «fennomano» e o partido «suecomano». O primeiro tinha como bandeira o predomínio do elemento finnico, propriamente dito, e da lingua finlandeza como symbolo d'este predomínio. Os seus pergaminhos encontrava-os no *Kalevala*, no *Kantalar* e nas demais tradições, onde se reflectia pura e sem mescla a alma arcaica da nação. O chefe reconhecido dos «fennomano», Yrjö Kóskenen, levou a intrasigancia do seu patriotismo intolerante até ao ponto de usar, de um nome, que é apenas a traducção finlandeza do verdadeiro nome sueco, que lhe pertencia!... Por outro lado o partido «suecomano» fundando-se no largo dominio que durante alguns seculos a Suecia exerceu sobre a Finlândia; lembrando-se de que foi a Suecia quem iniciou a Finlândia pagã ao christianismo e á civilização do Occidente; e que ainda hoje são os suecos a população mais illustrada e mais activa, especialmente das cidades, tem como lemma a hegemonia do elemento escandinavo, e como representação d'essa hegemonia o predomínio da lingua sueca. O typo que melhor symbolisa este ideal é Runeberg, o poeta nacional da Suecia e da Finlândia, que nas celebres strophes do *Vaart land, vaart land, vaart fosterland!* escreveu o hymno commum das duas nacionalidades, eternamente enlaçadas pela historia e pelas mesmas aspirações de liberdade.

A lucta entre os dois partidos continuava sempre, e até cada vez mais acerba, devido sobretudo á intrasigancia do partido fennomano. Vem, porém, o golpe d'estado do general Bobrikov, a Rússia resolve impôr no grão-ducado o seu idioma como lingua official da politica, da justiça e da administração. Immediatamente, ante o perigo commum, os dois antigos partidos fraternizam, pondo de parte tudo o que até ahí os dividia, para só se lembrarem de que ambos são finlandezes, interessados igualmente em salvar de uma catastrophe eminente o patrimonio de civilização que a ambos pertence. Não ha razão para demir primazias entre o sueco e o suomi, quando o russo, como o *tertius gaudet* vai aproveitar-se d'esta divisão para mais rapidamente fazer triumphar o seu exclusivismo, annihilando os dois. E assim, a desasturada politica dos burocratas de S. Petersburgo realisa n'um dia o que não tinham podido conseguir os esforços persistentes dos patriotas esclarecidos dos dois partidos. A unidade moral da Finlândia, sob a chiefa combinada dos dois elementos ethnicos separados em má hora, é novamente um facto. Quem desconhecerá a importancia que esta reconciliação vai ter para o futuro da civilização na Finlândia?

Não admira por isso que, apesar de todos os meios de que dispõe a policia russa, comecem a dar-se factos como este, que encontramos relatado nos jornaes suecos — em um suggestivo artigo publicado por Ilmarinen (evidentemente um pseudonymo) no ultimo numero da *Rivista Moderna* de Roma: Um grupo de patriotas dos mais influentes de Helsingfors convocou para uma reunião plenaria os notaveis de todas as classes não só da capital, mas de todas as provincias, até aos mais afastados logarejos no interior. Não foram convidados todos os que desejariam comparecer a tal reunião, para não desperdiçar a attenção das autoridades russas. Ainda assim reuniram-se 253 pessoas, com procuração de muitas outras, na propria capital e a algumas centenas de metros apenas da residencia do proprio governador, sem que elle ou os seus agentes tivessem suspeitado coisa alguma. Sómente no dia seguinte, e quando já todos os delegados tinham dispersado, é que elle foi informado do acontecido! Tratando-se da policia russa, custa a acreditar como semelhante *conjuración* pode realizar-se a são e a salvo. Isto prova que quando um paiz inteiro é solidario com o procedimento dos que lhe symbolisam as aspirações, é muito difficil, senão impossivel, que a policia possa exercer com efficaç as suas funções, quer preventivas quer repressivas.

Na reunião de Helsingfors foi largamente discutida a situação do paiz, e a necessidade de se continuar na lucta encetada contra a

ilegalidade dos *ukases* promulgados pelo general Bobrikov em nome e por delegação do governo de S. Petersburgo. Um facto digno de notar se é que prova o estado dos espiritos na Finlândia é que as discussões foram em succo e em finlândez, fraternizando assim pela primeira vez publicamente os dois elementos até ha bem pouco tempo ainda inimigos irreconciliáveis; e que a assembleia era composta de individuos de todas as hierarchias sociais, predominando n'ella os pequenos proprietarios rurales e os camponeses, o que tambem prova que assim como o perigo commum resolveu o antagonismo das linguas, da mesma sorte harmonizou as divergencias entre as diversas classes, fundindo-as todas no grande partido nacional. As resoluções da assembleia que transcrevemos da *Kivista Moderna* foram as seguintes: continuação tenaz e inabalável da resistencia passiva contra todas as medidas illegaes, que as estas provenham do governo russo, quer do senado finlândez; propaganda continua e activa n'este sentido entre a população; procurar evitar todas as divergencias entre os patrões e os operarios, inutilizando assim as intrigas russas para crear na Finlândia as questões agraria e operaria; não eleger senão patriotas reconhecidos para os cargos communaes e outros de confiança publica; reunir finalmente, os fundos necessarios para socorrer-se as familias dos empregados pobres, que perderam os seus logares por terem recusado executar mandatos ou ordens illegaes.

A Europa admira a coragem dos *bóers*, que nos campos de batalha defenderam até a ultima a independencia da terra que lhes era berço. Não é digna de uma admiração pelo menos egual a lucta pacifica, mas intrasigente, em que os finlândezes estão empenhados para a defesa das liberdades patrias, que a poderosa autocracia russa lhes quer roubar?...

CONSIGLIERI PEDROSO



Shelley

(Excerpto de um livro inédito)

À Senhora D. Concepcion Gimeno de Falar



Estreite vêr sumirem-se, na sombra eterna do tumulo, grandes espiritos em plena aurora promettedora de um dia glorioso. Que destino cruel, sahirem da vida sem terem podido colher os fructos amadurecidos, que deveriam substituir as brilhantes flores de uma exuberante primavera!

Tiveram esse destino alguns poetas inglezes, como Marlowe, Keats, Shelley, e, mais recentemente, Olivier Max Browne, que viriam a ser dos maiores luminares da arte, se a morte descaroavel os não ceifasse tão cedo, destruindo-lhes n'um momento esperanças, sonhos e promessas.

SAB. O que d'elles sobreviveu, foram apenas os productos das suas inquietas mocidades.

Ora, taes productos nunca podem dar toda a medida da altura que o genio do homem é capaz de attingir, na força da sua maturação. Shakespeare, por exemplo, no primeiro periodo da sua carreira, de 1588 a 1594, é bastante inferior ao que foi na época em que conquistou fortuna e reputação. Se houvera morrido na idade de Shelley, não saudariamos n'elle jamais o extraordinario auctor do *Hamlet* e de todas as obras admiráveis que produziu, de 1595 a 1612. O mesmo succederia, fóra da Inglaterra, a Goethe, a Ticiano, a Miguel Angelo, e a tantos outros.

Shelley morreu cedo de mais para o seu nome, para o seu pais e para a humanidade. As complexas faculdades que possuia não podiam coordenar-se sem tempo; e de tempo necessitavam tambem a sua poesia excessivamente original e nova, e as suas ideas, tambem excessivamente avançadas e transcendentas, para penetrarem fundo no espirito dos contemporaneos. O incandescente fóco de chamma poderosa e subtil, que se abrigava na sua alma, não impressionava com facilidade almas feitas de argilla mais grosseira. Quem lêr Shelley e lhe quizer fazer inteira justiça, precisa não olvidar que a obra que percorre e que aprecia, é apenas o fructo de um espirito juvenil, ainda não de todo libertado de illusões e de incertezas proprias da curta idade. Tendo isto presente, sentir-se-ha assombro pela fulgor e pelo cunho de genio que marcam toda essa obra, e lembrará, com pena, a que a cimos vertiginosos subiria quem, antes dos trinta annos, concebia e escrevia *Alastor*, *Adonais*, os *Cenci* e o *Prometheo Libertado*.

A incomparavel dedicacão á causa dos opprimidos e dos fracos, de que vida alguma de poeta apresenta mais alto exemplo; a poderosa faculdade de amor por tudo quanto vive e sofre sobre a terra; a forte e corajosa indignação contra toda a forma de tyrannia; a aspiração á sciencia, sem o conhecimento da qual não ha poema completo; a fascinação do mysterio, que levou Shelley da alchimia a Spinoza, e de Spinoza ao Fausto; enfim, a mobilidade extraordinaria de impressões e de percepções, que fazia com que as multiplicas e variaveis formas da natureza visível e animada se desenhavam ante os seus olhos, de instante a instante, acordando no espirito imagens parecidas, echos de tudo que chorava e palpitava na sua alma, taes são as notas predominantes na obra do immortal poeta inglez.

Seduzem o espirito de Shelley as tentadoras miragens, que o embre-

nham por vezes em perigosos e obscuros caminhos; mordo-o o desejo de saber o que existe para além das montanhas que limitam o nosso horizonte. Elle teve, como raros poetas, o sentimento do infinito, a profunda intuição do laço espirital e universal que liga entre si todas as creaturas. Esse laço, que faz sentir verdadeiramente á nossa alma a alma do universo, é o amor.

«No movimento das folhas da primavera, na atmosphera azul, encontra-se uma secreta correspondencia com o nosso coração», escreve elle nos *Ensaos Philosophicos*.

«Ha eloquencia no vento sem linguagem, melodia no regato que corre, no rumorajar do cannaival que o orla, e estes objectos, pela sua relação inconcebivel com alguma parte da nossa alma, arrobatam o espirito n'uma fascinação anhelante, e arrancam-nos dos olhos lagrimas de ternura mysteriosa, tal qual o entusiasmo de um triumpho patriótico ou a voz de um ser amado, cantando para nós sómente.»

Assim, o amor é o Evangelho de Shelley. Não admira que, nos seus livros, o ponto de vista racional ceda o passo ao ponto de vista da humanidade. O humanitarismo representa na poesia de Shelley um constante leitmotiv. N'elle predominam duas visões principaes: a visão dos innumeros flagellos que torturam as creaturas, ligada á idéa de um Deus que, servido pelos reis e pelos padres, a toda a hora ameaça a terra; e a visão do antigo Eden, onde o homem, vencedor de todos os tyrannos, vive emfim na felicidade e no amor.

Gabriel Sarrazin, no seu bem pensado estudo critico sobre Shelley, faz, a proposito da *Recolta do Islam*, uma curiosa approximação entre este poeta e o grande lyrico francez Victor Hugo:

«... A semelhança dos seus themas salta aos olhos. Ambos insultam o despotismo com o mesmo ferro sem brasa de apatrosophos, ambos foram apóstolos da bondade, ambos descreveram a visão da Republica universal, com esta differença, todavia, que Hugo só começou a sua predica bastante tarde, e que a continou n'um tom rhetorico e litterario, no meio de aclamações e de idolatrias, ao passo que o coração ingenuo do pobre Shelley bateu n'um deserto. Um, amou por amar; o outro, mesmo amando, cuidou da sua *pose* e do seu pedestal.»

Sarrazin marca ainda, com verdadeiro criterio, certas afinidades moraes e doutrinaes entre o grande poeta inglez e alguns dos modernos romancistas russos, que se destacam pela sua piedade, o seu idealismo e o seu humanitarismo, taes como Tourgeniev, Tolstói e Dos-toievsky.

Shelley é, principalmente, um poeta lyrico, e um lyrico idealista. No seu lyrismo tão moderno, filho do desacordo entre a fragil razão e as insaziáveis necessidades da sensibilidade, palpita um mundo de sentimentos indefinidos, de aspirações não satisfeitas, de poderosas energias desoccupadas, de devaneos e de emoções sem limites. Sahe-m-lhe d'alma largas vibrações sonoras, desenrolando-se sobre o mundo e n'elle espalhando o canto de uma tristeza sem fim.

A phrases de Shelley é sempre musical, e através da musica das palavras ouve-se ainda, como o acompanhamento de uma orchestra invisivel, o immenso murmurio sahido das profundezas da sua alma.

A harmonia da musica embala o sentimento do infinito, e essa harmonia encontra-a Shelley não só em si mesmo, como em tudo que o rodeia. Escutando a sua propria vida elle diz-nos sentir «essa tranquilla musica interior, que se ouve no silencio do sangue que corre, quando a palpitação das arterias se assemelha ao tremulo socego dos mares». O universo afigura-se-lhe um córo immenso, indistincto para o ouvido do vulgo; mas ressoando sem cessar no intimo do poeta, e fazendo-lhe estremecer as mais secretas fibras.

Todas as cosas teem para elle uma voz. As planicies, o ceu, as florestas, as montanhas, as fontes, os claros echos, os mares, o vento, a chuva, o orvalho, as brisas, os insectos, as flores e as ayves estão carregados de musica. Para Shelley a natureza está cheia de melodias, porque o sentimento poético não pôde separar-se da expressão harmoniosa que reveste, por ser elle proprio harmonia, evocação cantante de sons, pelos quaes traduz as emoções e os pensamentos. Na sua opinião, a harmonia é a essencia mesma do ser, como o rythmo é o movimento da vida.

E', pois, a poesia de Shelley feita não só de mysteriosas harmonias interiores, como de todas as melodias repercutidas na sua alma, pelas cosas externas. Tudo canta, n'essa poesia extranha; tudo n'ella são hymnos, symphonias, cantatas, vertiginosos allegros e melancolicos andantes. Vi a musica de Shelley á descripção da formosa ilha, no *Epithetion*, onde «as tempestades aladas passavam cantando os seus palmas de trovada.» Nesta paizagem, todos os movimentos, todos os perfumes, todos os sons, todos os raios luminosos se unem «para sustentar os accordes d'essa musica interior, que parece uma alma dentro da alma — dir-se-hiam echos de algum sonho que lhe precedeu o nascimento.»

Quando, no *Prometheo Libertado*, os ferros cahem dos pulsos da victimas e Jupiter é vencido, a natureza inteira desata-se em hymnos de triumpho. Vi a musica de Shelley á descripção da formosa ilha, no *Epithetion*, onde ouvem os palmas severos dos pinheiros, a fresca musica das ondas, dos regatos e das fontes, as gargalhadas jubilosas que a tempestade atria pelas montanhas, ao passo que das escuras profundezas sahe a surda voz da Terra, que a pouco e pouco se eleva, cobrindo por fim, com o estrondo das suas notas graves, a clara symphonia das cosas.

Que voz possante a do Monte Branco, e que lição elle dá ao poeta! Que sons tempestuosos perpassam na bellissima *Idéa ao vento do Oeste!*

«Faze de mim e tua lyra» pelo vento, pelo vento irado, «faze-me cantar como a floresta. E quando mesmo as minhas folhas cahirem, como as suas cahem, o tumulto das suas poderosas harmonias fará sahir de mim, como d'ella, uma musica profunda, outomnal, doce, embora triste.»

A imaginação, que é das mais brilhantes faculdades de Shelley, entrecruza de fios de ouro o seu lyrismo, permite-lhe revestir os pensamentos de fulgorosos ouropeis. É uma varinha mágica, ao contacto da qual tudo se transforma e se envolve em deslumbrantes irradiações.

A proeminência d'esta faculdade imaginativa é característica na obra de Shelley, creando n'ella uma constante atmosfera de sonho; atmosphera onde o poeta se sente muito mais à vontade que na vida real.

É raro que Shelley não ponha de parte o desolado mundo que conhece, para só cantar o radioso mundo que phantasia. Não o distrahe olhar para baixo e descrever os seus semelhantes. Prefere contemplar a sua própria alma, e crear n'ella imaginários dramas, desempenhados por personagens que são puras idéas. Mesmo quando pretende occupar-se da realidade, pinta-a sempre com as cores do sonho.

De Emilia Viviani, por exemplo, o que nos descreve elle? A sua acria ligezeira de gazella, o tepido perfume que exhalava, «odor selvagem, intenso de mais para ser sentido, semelhante aos orvalhos de fogo que se decretam no coração dos botões gelados das flores»; os espiritos estellares que lhe dançam nos olhos, «raios lançados d'essas fontes interiores que borbulham no esplendor da sua alma, profunda de mais para que a curta sonda dos sentidos e do pensamento possa alguma vez tocar-lhe o fundo»; a gloria da sua presença divina, que estremecia através dos deuses: «como por detrás de uma nuvem, no tranquillo céu de junho, a lua brilha, inextinguivelmente bella.» E nada mais. Do ser humano, nem uma palavra. Emilia fica despojada do seu envolvero carnal para se dissolver no seu alma. Este processo é seguido por elle com todas as suas herozas. Nas mulheres dos seus poemas, Shelley não nos descreve a carne viva e palpitante, o esplendor da belleza plastica; indica-nos apenas os traços fugidios e impalpaveis, a belleza espirital, reflexos de luz e de sombras, emfim, a graça em movimento.

Shelley possuia um grande poder de concentração, que attingia quasi

sêde de toda a verdade elevada; a sua presença, embora invisivel, excitava em nós a esperança, a alegria, o amor. O mystico viu com o qual a divina feiticeira cobre os seus esplendores, fia-o ella propria na roca, enrolando-lhe tres fios de nevoa avelludada, tres compridas linhas de luz, d'aquellas que a Anhora accende sobre as nuvens, ás vagas e ás montanhas, e tres raios das estrellas, apinhados antes que as lampadas d'onde saíram se apagarem no brilho da tardia lua. Eis o traje da Natureza, que a fada personifica, e com elle entramos nós na vasta galeria de imagens e de symbolos creados pelo poeta.

A malveado imaginação de Shelley conservava sem esforço as formas onde a sua alma solitaria e vagabunda encontrava occasião de se exaltar e de se expandir. Todas as imagens que lhe surgiram ante os olhos, contemplando a natureza ou escutando os poetas, guarda-as elle, por uma assimilação espontanea e com o instincto rapido e seguro das necessidades do seu ser moral, no sacrario da vida interior. De lá emanam também reflexos, que ornar. E' trania, onde se reverberam com uma aureola de mystero e de belleza, e illuminam a phantasia accordando as imagens adormecidas. Surgem ellas, então, radiosas, e o poeta, seguindo-lhes os movimentos, julga vêr em torno d'elle, no ar vibrante e frescamente, as personificações vivas dos seus devanos, sombras do passado, phantasmata, anjos, seraphims, visões sem nome.

Tal é a projecção luminosa da alma de Shelley. Banha ella de lado a lado a sua poesia e infiltra-se para sempre no nosso espirito.

Observemol-a no *Adonais*, a elegia dedicada á memoria do desditoso Keats. Shelley pranteia, em sentidas estrophes, as mais lyricamente idealistas de toda a sua obra, o seu irmão poeta, roubado tão cedo á gloria e á humanidade. Mas, pranteal-o sózinho não basta. Para que o acompanhem n'esta dor sem conforto, chama junto do tumulo de Adonais todas as cousas que elle amou e cantou durante a sua curta existencia. Ao magico apello, ergue-se, vaporoso, um cortejo de formas, adoraveis na sua desolação, desenhando-se em vagas claridades, que ornar. E' trania, a densa do amor; são os Sonhos, os aiados ministros do Pensamento; seguem n'os os Destinos velados, as radiosas Esperanças, os tímidos e tremulos Receios, as Phantasias crepusculares, os Desejos, as Adorações, as Convicções, os Esplendores, as Tristezas, o Prazer, a Saudade e, por ultimo, a Miséria. Fecha o cortejo phantastico a propria imagem de Shelley, que vem prantear «no destino de um outro o seu proprio destino.» Acompanhando o lamento das imagens espirituas, a Manhã chora as lagrimas que deviam orvalhar a terra; e Trovão faz ouvir ao longe o seu pesado clamor; o Oceano geme sem conforto e sem repouso; o Echo, tristemente sentado sobre as montanhas, desola-se de não poder repetir nunca mais a voz querida; a Primavera deixa cair os botões das suas flores, como se ella fosse o outonno, ou essas botões folhas mortas, empunhando os Ventos solçam, inconsolaveis, em volta do tumulo de Adonais.

Uma das passagens mais commoventes e mais bellas, n'esta elegia perfecida da primeira á ultima linha, é sem duvida o contraste frisado



Lady Gosselin

Esposa do ministro de Inglaterra em Lisboa



Mr. Peel

2.º secretario da legação inglesa em Lisboa

a hypnose. Em certos momentos em que a vida real — essa vida tão diversa da vida que imaginaria — o feria com as suas crueldades e as suas inexplicaveis injustiças, voltava-lhe as costas e refugiava-se, apaixonado e extasiado, no vasto reino do sonho, de que foi monarcha absoluto, occupando-se em dar estranho relevo e cor ás solitarias peregrinações da saudade e da tristeza, aos momentos que separam o limite em que a emoção e o pensamento se fundem no outro, ás visões da natureza que não é bem a natureza que todos vemos, porém a que cada um de nós concebe no mystero de sua imaginação, ás melancolias indefinidas que nos torturam e avassalam, aos insondaveis abyssos da ardente e doida phantasia, ás esperanças, nos receios, aos gozos que o espirito cria e alimenta para sua propria satisfação.

Mas, se a imaginação é um dos mais irresistiveis dons de Shelley, é innegavel que, por vezes, o prejudica tambem. A sua vertiginosa phantasia precisava ser refeada. Quando a deixava livre, anbia até regiões onde tudo se tornava confuso, onde a poesia, de pura expressão humana, falando de sentimentos humanos, passa a ser um conto fabuloso, no qual se movem arietas e inquietadoras formas, exprimindo-se n'uma linguagem mysteriosa: a linguagem das divindades e dos mythos. A este ultimo genero pertence a *Feiticeira do Atlas*, verdadeiro conto de fadas, «encantador e impercível», como o aprecia Rossetti.

A linda feiticeira, a filha de uma das Atlântidas, é ainda o espirito de belleza, do qual todas as bellezas do mundo são apenas sombras. As suas palavras, delicadas em excesso para ouvidos mortaes, dão, contudo, a



Mr. Cartwright

1.º secretario da legação inglesa em Lisboa

entre a Natureza, que todos os annos resuscita, e se reveste de flores e de cantos, e o Ser humano, para quem só ha uma primavera, um estio e um outonno, e que não tornará jamais a acordar, no tumulo onde o prostrou a morte.

Claudia de Campos

O adereço de esmeraldas

Estavamos parados na Carrera de S. Jeronymo, defronte da livraria Duran, e liamos o titulo de um livro de Méry. Como me chamava a attenção aquelle titulo estranho, e assim o diasse ao amigo que me acompanhava, este, encostando-se ligeiramente ao meu braço, exclamou:

— O dia está lindo a mais não poder, vamos dar uma volta pela Fonte Castellhana. Passeiando te contarei uma historia em que sou o heroe principal. Verás como, depois de a ouvir, não só comprehendes o titulo, mas até o explicas a ti proprio do modo mais facil d'este mundo.

Eu tinha muito que fazer, mas, como estou sempre desejando um pretexto para não fazer nada, accitei a proposta e o meu amigo principiou d'esta maneira a sua historia:

— Ha tempos, uma noite em que saí a dar uns giros por essas ruas, sem outro intuito senão o de passeiar, depois de ter examinado todas as collecções de estampas e photographias dos estabelecimentos, de ter escolhido com a imaginação diante da loja dos Saboyanos os bronzes com que adornaria a minha casa, se a tivesse, de ter passado enfim uma revista minuciosa a todos os objectos de arte e de laxo expostos ao publico por traz dos illuminados crystaes dos mostradores, detive-me um instante defronte dos de Samper.

Não sei quanto tempo eu alli estaria apresentando com a imaginação todas as mulheres bonitas que eu conheço, dando a esta



O Rei Eduardo VII aos 15 annos

um collar de perolas, aquella uma cruz de brilhantes, a outra uns brincoes de ouro e de amethystas. Hesitava n'aquelle momento sem saber a quem havia de offercer que o merecesse um magnifico adereço de esmeraldas tão rico como elegante, que entre todas as outras joias chamava a attenção pela formosura e claridade das suas pedras, quando ouvi ao meu lado uma voz suave e dulcissima exclamar n'um tom que não pôde deixar de me arrancar ás minhas imaginações: "Que lindas esmeraldas!"

Voltei a cabeça na direcção em que ouvira resoar aquella voz de mulher, porque só sendo feminina podia ter semelhante echo, e vi effectivamente que era uma mulher lindissima. Não a pude contemplar senão um momento, e, sem embargo, fez-me a sua belleza uma impressão profunda.

A porta da ourivesaria d'onde ella saía estava uma carruagem. Acompanhava-a uma senhora de certa idade, nova de mais para ser sua mãe, velha de mais para ser sua amiga. Quando ambas subiram para o trem, partiram os cavallos, e ali fiquei tonto, a vê-la ir até a perder de vista.

Que lindas esmeraldas! dissera. Effectivamente as esmeraldas eram formosissimas; aquelle collar, cingindo a sua garganta de neve, pareceria uma grinalda de folhas temporás da amendoeira, salpicadas de orvalho, aquelle broche no seu seio uma flor de lodão quando se deixa embalar pela sua onda movel, coroada de espuma. Que lindas esmeraldas! Desejal-as-ha por acaso? Mas, se as deseja, porque as não compra? Deve ser rica e pertencer a uma classe elevada; tem uma carruagem elegante e na portinhola d'essa carruagem julguei ver um brazão nobre. Indubitavelmente ha na existencia d'essa mulher algum mysterio.

Foram estes os pensamentos que me agitaram depois de a perder de vista, quando já nem o rumor da carruagem chegava aos meus ouvidos. E effectivamente na sua vida, na apparencia tão aprazivel e invejavel, havia um mysterio horrivel. Não te direi como consegui penetral-o, mas consegui.

Casada desde muito nova com um libertino, que, depois de dissipar os proprios haveres, procurára n'um casamento vantajoso o melhor expediente para dissipar bens alheios, modelo de esposas



Duarte Silva

Coronel do regimento Cavallaria 3 do qual S. M. o Rei de Inglaterra é Commandante honorario

e de mães, aquella mulher renunciára a satisfazer o mais insignificante dos seus caprichos para conservar a seu filho uma parte do seu patrimonio, e para manter no exterior o nome da sua casa na altura em que sempre se mantivera na sociedade.

Falla-se nos grandes sacrificios de algumas mulheres. Creio que não ha um só comarvel, dada a sua organisação especial, ao sacrificio de um desejo ardente em que vão interessadas a vaidade e a garridade.

Desde o momento em que penetrei no mysterio da sua existencia, por uma d'essas extravagancias do meu caracter, todas as minhas aspirações se reduziram a uma só: possuir aquelle maravilhoso adereço e dar-l'ho a ella de modo que ella o não pudesse recusar, de modo que ella nem sequer soubesse de que mão lhe poderia ter vindo.

Entre outras muitas difficuldades que logo encontrei para a realisação da minha idea, não era seguramente a menor o não ter dinheiro, nem pouco nem muito, para comprar essas joias.

Não perdi a esperanza, ainda assim, de levar por diante o meu proposito.

Como arranjar dinheiro? dizia eu de mim para mim, e recordava-me dos prodigios das *Mil e uma noites*, d'aquellas palavras cabalisticas a cujo echo se abria a terra, e appareciam os thesouros escondidos, d'aquellas varas de tamanha virtude que, ao tocar com ellas n'uma rocha, brotava das suas fendas um manancial não de agua, o que era pequena maravilha, mas de rubins, topazios, perolas e diamantes.

Ignorando umas, e não sabendo onde encontrar as outras, re-



Condessa de Macedo

† em Malaga a 22 de março de 1902



A Família Real Inglesa — Um grupo antigo

solvi afinal escrever um livro e vendê-lo. Tirar dinheiro da rocha de um editor não deixa de ser milagre; pois realisei-o.



Costumes do Algarve — Uma feira

Escrevi um livro original que agradou pouco, porque só uma pessoa o podia compreender; para as outras era apenas uma collecção de phrases.

Intitulei o livro *O adereço de esmeraldas*, e firmei-o só com as minhas iniciaes.

Como não sou Victor Hugo, nem coisa que de longe com isso se pareça, escuso de te dizer que me não deram pela minha novella o mesmo que pela ultima que escreveu recebeu o auctor de *Nossa Senhora de Paris*; mas com tudo isso sempre reuñi o sufficiente para começar a executar o meu plano de campanha.

O adereço em questão valia obra de quatorze ou quinze mil duros, e para o comprar contava eu com a respeitavel quantia de tres mil reales: precisava por conseguinte de jogar.

Joguei e joguei com tanta decisão e fortuna que n'uma só noite gahnei a quantia de que necessitava.

A proposito de jogo tenho feito uma observação, em que todos os dias me vou confirmando e cada vez mais. Em a gente apontando com a certeza completa de que ha de ganhar, ganha. Ninguém se chegue para o tapete verde com a vacillação de quem ha de experimentar a sua sorte, mas com a firmeza de quem vai buscar o que é seu. De mim sei dizer-te que n'aquella noite me teria surpreendido tanto perder como se uma casa respeitavel me houvesse negado dinheiro, levando eu a fórma

de Rothschild. No outro dia dirigi-me a casa de Samper. Has-de acreditar que ao deitar para cima do balcão do ourives aquelle punhado de notas de todas as cores, aquellas notas que representavam para mim pelo menos um anno de prazer, muitas mulheres formosas, uma viagem á Italia e *champagne* e regalos de toda a especie, não vacillei um momento? Pois podes acreditar; atreia-as com a mesma tranquillidade, que digo! com a mesma satisfação com que Buckingham, quebrando o flo que as prendia, se-moou de perolas a alcatifa do palacio da sua amante.

Comprei as joias, e levei-as para casa. Não podes imaginar coisa mais formosa do que aquelle adereço.

Não estranho que as mulheres suspirem ás vezes ao passar por diante d'essas lojas que offerecem aos seus olhos tão brilhantes tentações; não estranho que Mephistopheles escolhesse um collar de pedras preciosas como o objecto mais proprio para seduzir Margarida; en, como ser homem, desejaria por um instante viver no Oriente e ser um d'aquelles fabulosos monarchas que cingem a fronte com um circulo de ouro e pedraria, para me poder adornar com aquellas magnificas folhas de esmeraldas com flores de brilhantes.

Um gnomo para comprar um beijo de uma sylphide não lograria encontrar entre os immensos thesouros que guarda o avaro seio da terra, e que só elles conhecem uma esmeralda maior, mais clara, mais formosa do que a que brilhava, prendendo um laço de rubins, no meio do diadema.

Senhor do adereço, principiei a imaginar o modo de o fazer chegar ás mãos da mulher a quem o destinava.



Costumes do Algarve — Na feira

Ao cabo de alguns dias, e graças ao dinheiro que me ficou, consegui que uma das suas criadas me promettesse collocar o no seu guarda-joias sem ser visto; e afim de me certificar de que por ella se não havia de saber a origem do presente, dei-lhe quanto me restava, uns poucos de milhares de reales, com a condição de que, apenas tivesse posto o adereço no sitio combinado, sairia da corte para ir viver em Barcelona. E assim fez.

Imagina tu qual seria a surpresa da sua ama quando, depois de notar a sua inesperada desaparição, e suspeitar que houvesse fugido de casa levando alguma coisa, encontrou no seu tocador o magnifico adereço de esmeraldas. Quem adivinhára o seu pensamento? Quem podera suspeitar que ainda se lembrava de quando em quando d'aquellas joias com um suspiro?

Passou-se tempo. Eu sabia que ella conservava a minha dadiua, sabia que se tinham feito grandes diligencias para averiguar qual era a sua origem, e sem embargo nunca a vi enfeitada com as esmeraldas. Desdenhára a offerta? Ah! dizia eu, se ella soubesse o merecimento d'esse presente! se ella soubesse que só o excede o d'aquelle namorado que empenhou no inverno a capa para comprar um ramo de flores! Pensará talvez que vem da mão de algum ricoçao que um dia se apresentará a reclamar o preço. Como se enganar!

Numa noite de baile, fui-me pôr á porta do palacio, e, confun-

dentes debaixo do traveseiro das formosas, e quem dá um presente d'esse valor, dá-o com esperanza de recompensa... e essa recompensa quem sabe se a não recebeu adiantada!

As palavras d'aquelle nesco indignaram-me e indignaram-me sobretudo porque encontraram echo nos que o ouviam. Ainda assim, contive-me. Que direito tinha eu de esbir em deteza d'aquella mulher?

Não passou um quarto de hora sem se me offerecer occasião de contradizer o homem que a tinha injuriado. Contradiesse-o nem sei já a proposito de que; e que te posso afirmar é que o fiz com tanta aspreza, para não dizer grosseria, que de resposta em resposta veio um conflicto. Era o que eu desejava.

Os meus amigos, conhecendo o meu genio, admiraram-se não só de eu ter procurado um desajo por motivo tão futil, mas do meu empenho em não dar nem admitir explicações de genero algum.

Bati-me, não te sei dizer se com fortuna, se sem ella, porque ainda que ao fazer fogi vi vacillar n'um instante o meu contrario, e cahir redondo no chão, um instante depois senti que me zumbiam os ouvidos e que se me escureciam os olhos. Tambem estava ferido e ferido gravemente no peito.

Levaram-me para a minha pobre casa devorado por uma espartosa febre. Não sei os dias que assim estive, chamando em altas vozes não sei por quem, por ella sem duvida. Teria tido valor



BRASIL — S. João de El-Rei — Minas Geraes

dido na multidão, esperei a sua carruagem para a ver. Quando o trem chegou, e, abrindo o lacio a portinhola, ella appareceu radiante de formosura, ergueu-se um murmurio de admiração d'entre a apinhada turba. As mulheres miravam-na com inveja, os homens com desejo; a mim escapou-me um grito surdo e involuntario. Levava o adereço de esmeraldas.

N'aquella noite dei-te-me sem ceiar, não me lembro se foi porque a commoção me tirára a vontade de comer, ou se foi por não ter que comer; em todo o caso era feliz. Durante o meu sonho, pareceu-me ouvir a musica do baile, e vê-la passar diante dos meus olhos, lançando chispas de fogo de mil côres, e até me pareceu que dançei com ella.

A aventura das esmeraldas espalhára-se, sendo assumpto, quando o caso se deu, das conversações de algumas senhoras elegantes.

Depois de se ver o adereço, não restaram duvidas a pessoa alguma, e os ociosos começaram a commentar o facto. Ella gozava de uma reputação immaculada. Apesar dos extravios e do abandono do seu marido, a calumnia nunca podera subir até ao alto logar em que a tinham collocado as suas virtudes; ainda assim n'essa occasião principiou a levantar-se o *venticello* por onde corre, segundo D. Basilio.

Um dia em que eu estava n'uma roda de rapazes, fallava-se nas famosas esmeraldas, e um fatuo disse por fim como terminando a questão:

— Não ha que lhe dar voltas; essas joias teem uma origem tão vulgar como todas as que se dão de presente n'este mundo. Passou já o tempo em que os genios invisiveis punham maravilhosos pre-

para padecer e silencio toda a vida, a troco de obter á beira do sepulchro um olhar de gratidão, mas morrer sem lhe deixar sequer uma lembrança!...

Estas idéas atormentavam a minha imaginação n'uma noite de insomnia e de febre, quando vi abrirem-se as cortinas da minha alcova, e no limiar da porta apparecer uma mulher. Julguei que sonhava, mas não. Aquella mulher approxinou-se do leito, d'aquella pobre e ardente leito em que me revolvia com dores, e, erguendo o véu que lhe encobria o rosto, deixou-me ver uma lagrima suspensa das suas longas e escuras pestanas. Era ella!

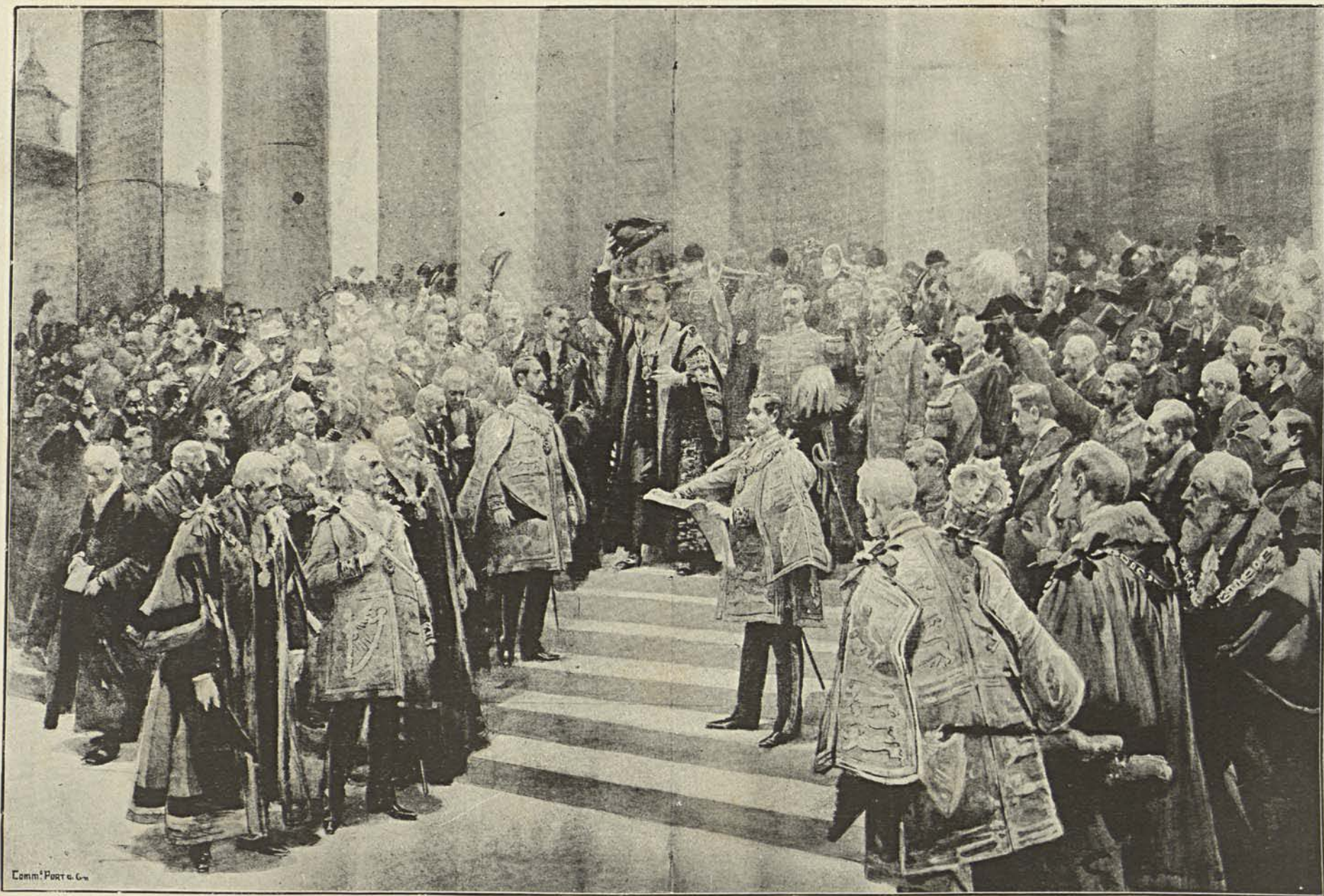
Ergui-me com os olhos espantados, ergui-me... n'esse momento chegava mesmo de frente da loja de Duran.

— O que! exclamei eu interrompendo-o ao ouvir aquelle disparate do meu amigo, então tu não estavas ferido e de cama?

— De cama!... Ora que diacho! Tinha-me esquecido dizer-te que tudo o que acabo de te contar o vim eu pensando desde a casa de Samper, onde vi effectivamente o adereço de esmeraldas e ouvi da bocca de uma mulher formosa a exclamação que te eu disse até á Cartora de San Jeronymo, onde uma cotovelada de um moço de fretes me tirou da minha abstracção de frente da livraria Duran, em cujo mostrador notei que estava um livro de Méry com este titulo: *Histoire de ce qui n'est pas arrivé*, historia do que não succedeu. Percebes agora?

Ao ouvir este deslenace, não pude reprimir uma gargalhada. Effectivamente não sei de que tratará o livro de Méry, mas agora percebo que se podiam escrever com esse titulo um milhão de historias, a qual melhor.

Visita de S. M. o Rei de Inglaterra



A leitura da proclamação de Eduardo VII á entrada da Bolsa de Londres



José Vasco Ramalho Ortigão (Rio de Janeiro)

Aqui está um rapaz que poderia ser escriptor como a pae e não quiz. De onde aonde apparece-nos ahí um Chiado ao lado do grandioso Ramalho, com o seu olhar vivo, a sua figura eselta. Vem matar saudades nas bellas palestras caseiras, mas rapidamente, como homem de negocios, atarefado. E logo se some para o Noco Mundo, levando na bagagem uma grande provisao de coisas sadias que lhe attenuam a nostalgia n'essa Brazil, onde encurodos pelas tortuosidades do alto commercio, em vez de se deixar tentar pelas impraticas e improductivas gloriolas da litteratura indigena.

Empreendedor e nervousamente activo, preferiu ler lá de longe o auctor dos «seus dias» a que o lessem e lhe avaliassem o espirito critico e o poder de observação que herdou. De ahí a sua entrada triumphal no commercio — uma variante de «sport», uma maneira facil, para elle, de se impôr á consideração dos bahaqueos rotineiros: e consequen-ô de alto, n'um olhar largo, sem descer das minudencias que amarratariam os seus punhos esmaltdos e as flores da sua botocira.

José Ortigão é hoje secretario do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, que em dezembro do anno findo tão justa homenagem prestou a um dos portuguezes mais illustres e mais illustrados de todo o Brazil, e cujo retrato demos no n.º 98 do «Brasil-Portugal» — Joaquim da Costa Ramalho Ortigão.



Damos hoje um curioso artigo de D. Thomaz de Mello, que pela primeira vez vem abrilhantar o «Brasil-Portugal». É a proposito reproduzimos um artigo de «Beldemonio», esse bello oarives da palavra escripta, morto ha 10 annos.

Kil-o:

D. Thomaz de Mello

D. Thomaz de Mello é uma figura que terá de ficar. Nenhuma outra mais lisboeta que a d'elle, com o melhor sabor bohemio e pittoresco. Descendente de um grande nome, sobrecarregado de responsabilidades hierarchicas, esse homem que hoje tem os seus cincoenta annos e que tão brillantemente os aguenta, vivo como um rapaz, marcado na phisionomia distincta com o cunho das grandes raças, que a sua longa vida accidentada mal tem conseguido fanar, é o typo do lisboeta aventureiro, do meridional refinado.

Todos os seus cabelos, outr'ora anelados e loiros, estão hoje brancos, d'essa brancura especial dos loiros quando envelhecem, brancura em que ha cambiantes aureos. O seu rosto fatigado, como que raspado por cincoenta vezes trezentas e sessenta e cinco noitadas, tem ainda hoje, milagrosamente, um caracter fundo; os lineamentos d'elle ficaram cunhados a brul em torno dos seus olhos sempre azues e sempre faiscentes. Tisnada, mordida por cincoenta annos de bohemia, a sua mascara de pitreir continmaz lembra os velhos bronzes de arte cobertos da sua patine gloriosa, d'essa lepra tão delicada e tão fina dos seculos; e pensa-se, olhando-a, nas bellas medalhas antigas de cunho poderoso, soterradas durante gerações, em lucta com os atritos e com a humidade, mas que um dia algum archeologo desenterra, sempre nitidas, inabalavelmente accentuadas.

Detalhe curioso: aos cincoenta annos, a sua bocca é uma bocca de mulher ou de creança, pequenissima, de um côrte feminino e fidalgo.

Sómente a guarnecem já mal os dentes. Oh! a velhice é implacavel; por onde passa deixa rasto! Foi talvez pelos dentes que ella mais peccou, triturando oiro que chegaria para fazer o bem estar de cem familias . . .

Creatura extraordinaria! Nunca nenhum espirito foi mais complexo, nem mais multiôr, nem mais cambiante, nem mais complicado que o de D. Thomaz de Mello. A sua vida é cortada de soluções de continuidade, tem um não sei qué do caracter das grandes hystericas, que desnor-teia a análise mais affeita ao improviso. Hoje é o poeta um parnasiano e um lyrico; pois este mesmo homem, enlavadado em ideal, tranquillamente, estabeleceram-se no Porto com um armazem de iscas á moda da rua do Arsenal. Dias antes, tinha publicado um livro de alta phantasia, as *Noites de Lisboa*; mezes depois, publicava um romance historico, o *Conde de S. Luiz*. Haverá acaso — ó meu Deus! — uma relação secreta entre o estylo e o figado, uma affindade sympathica entre a isca e a metaphora, com ellas ou sem ellas?

Passado pouco tempo, D. Thomaz de Mello instituiu em Lisboa o primeiro posto medico, e punha uma agencia de cartazes. Antes e depois, é incalculavel o numero de creações curiosas, ou extraordinarias, ou absurdas, ou simplesmente grotescas, que elle tem lançado na circulação, sempre com a boa fé do crente e do visionario. Nos intervallos, requer concessões de kiosques, e dá consultas sobre traducções do arabe ou do russo. Quando recolhe a casa, alta noite, á sua casa devastada por penhoras que elle considera philosophicamente, como um sabio, pie-se tranquillamente a traçar o plano de uma cidade ideal, ou a carpintear escadas de mão para os seus colladores de cartazes.

Ha mezes, aboridou-me elle:

— «Sabes? tive uma idéa! —»

— «Só uma! —»

Travou-me do braço, e confidencialmente:

— «Mas olha que é segredo! . . .»

— «Ah, é segredo? Então pôdes falar, que eu sou indiscreto! . . .»

Sorriu-se, de ver a sua intenção adivinhada; e rindo, com a alma grande e quasi santa de um bohemio de raça, contou-me por ruindo que tinha estabelecido um chalet para criação de gallinhas, segundo todos os melhoramentos modernos. Luziam-lhe os olhos quando dizia:

— «Ai, filho! não imaginas. . . Tenho lá um povo inteiro de gallos e de gallinhas. É uma inferneira de *ki-ki-ri-ki* e de *ka-ka-ra-ka*! . . .»

Depois, esmorecendo:

— «E não tenho que lhes dar a comer! . . .»

Fiquei meditativo, lembrando-me d'aquelle lance em que Teixeira de Vasconcellos, perseguido na sua propria sala de jantar por um credor, que o surprehendia em face de um magnifico perú, trafado, lhe dizia com a bocca cheia, de guardanapo ao pescoco, tristemente:

— «Ah, se eu tivesse dinheiro! . . . Mas onde o tenho eu? Vê o meu amigo este perú? — (*Consternado*) — Coitadinho! Não tinha que lhe dar de comer. . . resignei-me a comelo-o! —»

Não sei se D. Thomaz de Mello tambem comeu o seu povo de gallos e de gallinhas; em todo o caso, era o melhor que elle tinha a fazer. E seria mais um plano de fortuna abortado, como tantos outros d'aquelle inexgotavel inventor que tem descoberto a fonte de rios de dinheiro . . . para os outros.

Pois bem! Dentro d'este homem extranho, desorientado, incompre-hensivel, indecifrável como a propria Espinghe, palpita e vive a mais encantadora alma, o espirito muito fino, a honestidade mais fundamentalmente solida do mundo. Alma de poeta. . . espirito de bohemio . . . honestidade de velho gentilhomme!

E é necessario apertar a mão deante de um publico inteiro a este poeta, a este bohemio, a este gentilhomme, a este magico ou a este te-lhudo, para repouzar das mãos humidas dos homens serios, mais ou menos conspicios, mais ou menos conselheiros!

1887.

Beldemonio.

(BARROSO LEME.)

A FESTA DO JUSTINO

Foi aqui n'este recinto da Avenida, que ha vinte annos se deu o spectaculo mais extraordinario de que ainda houve noticia em todo o mundo civilisado.

Por esse tempo o Salvador Marques e eu tinhamos por habilito sahir todos os dias á caça d'alguma idéa que porventura andasse pelo ar, ou que a sadia aspiração d'essas auras perfumadas, em que Lisboa abunda, não suggerisse ao cerebro, torreno saforo d'onde não brotava somente generosa que promettesse

dias tranquilos no futuro d'esta vida cansada de esperar, tendo sempre por epilogo doentes e desenganos.

— Amigo e distincto empresario! berrei segurando o pela gola do casaco e despertando-o ao mundo das idéas. Decebe sobre mim um pensamento astral e luminoso, que despenhando-se com a força d'um aerolito me prefura a caixa craneana demorando-se aqui para lucro nosso, honra da patria e gloria da posteridade!

— Salvador Marques estremeceu e, intranquillo, nervoso, puxando a pontinha do cigarro que se apagava, deu um passo á rectaguarda firmou-se na bengala, abriu aquellos olhos em que brilha e fuzila a bella intelligencia e, relanceando-os pelo espaço, demorou-os, depois, em mim, fixos, contemplativo, como se eu fora um augur, que tirasse presagios do canto das aves que chilreavam entre a folhagem d'esses arvoredos annosos e verdejantes.

— Ouçamos, principiou em voz baixa.

— Conheces o Justino Soares, o mestre de dança?



BRASIL—A rua Poyandú, no Rio de Janeiro

Está n'esta rua a nova legação de Portugal

— Perfeitamente, ha bons trinta annos, a elle e ao seu chapéo branco?

— E és seu amigo, tens confiança com elle?

— Tanta com elle como o chapéo. Tanto me importa falar com um como com o outro. Estão sempre d'accordo "juntos ou separados", como diz Silva Ramos no seu bello soneto:

*Vida de dois por cada um vivida
Vida d'um so vivida em dois, em somma
A essencia unida é essencia sem que alguma
Perca o ser, uma sendo á outra unida.*

— Mas qual é o negocio?

— E' grave: necessita ser muito discutido.

— E' dispendioso?

— Talvez.

— Mau! respondeu Salvador levantando a perna e apoiando-a no castão da bengala.

— Calcula que é preciso obter um homem, compral-o, fazer que esse homem seja propriedade nossa, pelo menos por oito dias. Que

não coma, não beba, não fale, nem durma, nem caminhe, nem dance...

— Visto isso temos de comprar o Justino, acrescentou Salvador Marques com os olhos arrelampados.

— Exactamente, torna-lo nossa propriedade.

— Estás louco!

— Não estou, nunca falei tão serio. Podes arranjar cinco libras? Eu ponho outras cinco, e o Justino será nosso, completo, inteiro, com a sua luva cor de canna, e a sua bota de pellica gaspada de polimento e a sua boquiha. Convém-te? Decide: sim, ou não? Falta-te o valor para fazer a proposta?... Se assim é, eu que já fui chateante terei mais desembaraço. Não lhe dou nem mais um quarto e ha de vir bem arreiado. E tu verás como o trago á mão por essa descida do Fateo do Salema até este recinto do passeio, onde elle virá fazer a melhor figura que coreographo tem feito desde que ha danças por este mundo.

— Mas qual é o teu intento? perguntou Salvador Marques.

— Eu te explico: transformar metade do passeio n'um pequeno Trianon, vestir o Justino de Luiz XVI...

— E depois?... interrompeu Salvador Marques.

— Depois, completar o espectáculo como eu entendo.

— E depois?

— Depois, se quizeres, guilhotina-o.

— Ora adeus; a idéa não é má, mas isso é um impossivel! Que a coisa, na realidade, poderia deixar dinheiro... Mas faltam muitos elementos. Ora, diz cá: quem havia de fazer a rainha, a pobre Maria Antonietta?

— Qualquer horizontal que ande em voga. E serás tu, meu honesto patriarchal e encarregado d'essa missão a que eu me esquivo, graças aos meus principios de moralidade. Quanto aos convidados o teu corpo choral e algumas das pessoas das nossas relações. Para o papel de Delphim, pede-se ao Sergio d'Almeida. E' talvez alto de mais para o representar; mas, assim como Kean crescia em scena para representar o Othello, o Sergio d'Almeida, que é artista, pode encolher no Trianon fazendo o Delphim.

— Mau! interrompeu Salvador algo desconfiado: se isto vae de troça, temos o negocio perdido.

— E' um homem que te preoccupas com pouco... Como se não houvesse em Lisboa um garoto qualquer de que se possa fazer um Delphim. Olha, amigo, tenho um filho; sou capaz de o sacrificar... Offerece tambem um dos teus. Estão em idade de se vestirem de mulher. O Antonito, por exemplo! Como o Antonio devia ficar bem vestido de princeza de Lamballe!

— Bem, respondeu o Salvador Marques; vou para casa ruminar no negocio e á noite estarei no teu escriptorio.

N'essa mesma noite, ao terminar o espectáculo na rua dos Condes, o Salvador entrou no meu escriptorio. Vinha radiante!

Abraçando a idéa com esse bom senso que o caracterisa, estudara-a, pormenorizar-a, ampliando-a n'alguns pontos.

— Sorri-me o negocio, começou elle. Resta que te encarregues de hypnotisar o Justino e convence-lo das vantagens que no futuro lhe podem resultar d'este audaz commettimento. Urge dizer-lhe que estas festas estão lá por fóra muito em uso e que a ellas concorrem as grandes summidas choreographicas para mais realçarem o lustre da sua reputação.

— Isso fica por minha conta. Conhecedor emérito do grande movimento europeu, sei eu a apresentar-lhe todos esses nomes gloriosos dos que se mascararam em festas congeneres.

— Duvido que consigas, disse-me o Salvador tristemente, recendo ver frustrado este plano, que lhe produziria algumas libras e muita gloria.

Despedimo-nos e combinámos o encontro para as quatro horas da tarde, depois de ter falado com o Justino na Academia Peniana.

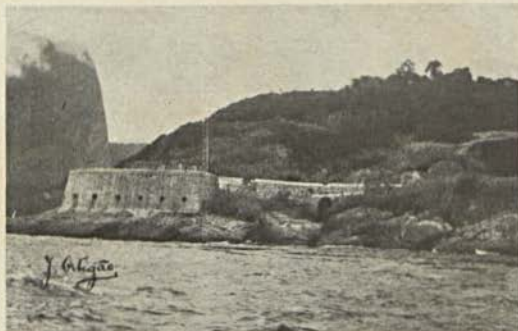
Quando o relógio do Carmo batia as tres horas e meia, Justino Soares, n'um aperto de mão, e saltando uma bafurada do seu terribel charuto, firmava o nosso contracto.

D'oráante, o grande choreographo era propriedade nossa. Eramos senhores de todo o seu querer — de todo elle, emfim!

A idéa de Salvador Marques em dizer que já um distincto por-

fessor de dança fizera o mesmo que nós lhe propunhamos, teve bom exito.

Para esse fim, poder-me-ia ter lembrado do celebre Zenoglio,



BRASIL — Fortaleza de S. João, no Rio de Janeiro

ou do preto Herculanu, ou mesmo de Santo Agostinho, Mas não fada d'isso!

Ou porque dias antes tivesse ouvido falar no celebre Bichat, foi esse o primeiro nome que me lembrou, e larguei-lho n'um jogo de eloquencia tão sincera e tão persuasiva, que o grande dançarino cahiu como magnetizado sob a influencia da minha suggestão.

— Bichat, disse-lhe eu, já o fizera um dia nos jardins de Constantinopla.

Como, dias depois, varias pessoas sabiam do que estava para acontecer e como, d'entre essas, algumas de boa fé o invectivassem pela sua ingenuidade, Justino Soares, armando um passo de dança e engratilhando a boquiha, bradou-lhes: — Ora não sejam tolos; alguma coisa valho, mas não sou mais do que Bichat. E esse já um dia se vestiu de Luiz XI ou Luiz XII para dançar em Constantinopla nos jardins do Harem.

Oito dias depois, quando o pessoal estava completo e o guarda-roupa em ordem, principiamos os ensaios n'um dos vastos salões da Academia Feniana, onde o Justino, altivo e resengo como o desditoso rei, dava gentilmente o braço a *Maria Antonietta*, formosa creança de dezoito annos, que por seu tio fôra collocada sob a egide de Salvador Marques.

Justino Soares não ponde conter-se e envergou o respectivo *costume* historico. Estava radiante de alegria, de entusiasmo e de *toilette*. Notava-se-lhe apenas um anachronismo: a terrivel boquiha ao canto da bocca.

Seguiam-se o Delphin e a princeza de Lamballe. Antonio Salvador Marques fôra dispensado de a representar.

Doas irmãs gêmeas d'um empregado do theatro da rua dos Condes, haviam tomado aquelles dois papéis. Doas sepulturas se fecharam já sobre essas gentis creanças, indo o irmão pouco depois acompanhá-las. Como é negra a vida!

Emquanto se apuravam os ensaios, Salvador Marques e eu tratámos dos cartazes, que foram artisticamente desenhados por Bordallo Pinheiro e nos quaes se representava o Justino, n'uma polychromia deslumbrante, com o seu fato á Luiz XVI, conservando na bocca a sua eterna boquiha.

Os cartazes assombraram os transeuntes. Justino, o popularissimo Justino, disparava aquelle sorriso tão seu, tão bom, tão sincero, do alto das esquinhas e nembos de todos os edificios publicos.

Não só com o fim de chamar maior concorrencia, como no intento de nos luzirmos n'um premio condigno do festival, resolvemos fazer uma loteria por meio das *entradas* numeradas. Quem tivesse o numero correspondente ao premio, teria direito a um brinde, que era nem mais nem menos do que o enorme aquario a que dmos a scientifica designação de

«Atlantide»

essa ilha, proximo de Gibraltar, que se suppõe ter sido a velha Mauritania.

O aquario media um metro de comprimento por meio de largo, comportando approximadamente meio metro cubico d'agua. No fundo, a finissima areia do Alfêite; madreporas de especies raras descaçavam sobre algas; entre ellas varios espondilios de formosura extranha misturavam-se com bivalvos de subido apreço conchologico. Sobre um enorme mexilho da cor do *lapis lazuli* estendia o seu pescocinho gentil uma pequenina tartaruga obtida n'um hvernario. Um kágado monumental nadava soffregamente bebendo aquella agua da companhia; peixes d'agua doce d'uma polychromia encantadora, subiam á tona d'agua, desfilando n'uma nação permanente e regular.

Uma eiró da familia d'aquella extraordinaria *sea serpent*, que de vez em onde apparece aos navios britannicos, com que o Barros scenographo nos tinha apresentado, aconselhando-nos a lança-la no aquario, distendia-se coleando.

Triste seria que um tal premio coubesse a pessoa incapaz de avallá-lo no seu verdadeiro ponto scientifico.

Tudo estava a postos, anciando-se, pela grande noite; e a *mater natura*, como a ajudar-nos, descortinava um ceu recamado de estrelas, e, entre a folhagem d'aquelles arvoredos, brisas que pareciam suspiros, acariciavam os nossos loiros cabellos, emquanto as aguas da cascata cahiam n'um murmuro flebil por entre o aroma dos loureiros floridos.

A festa estava marcada para uma quinta feira, 8.

Em quarta feira, 7 d'agosto, na Academia Feniana, fez-se o ensaio geral d'essa festa que mais tarde tanta impresso causou nos paizes mais cultos da Europa e nas nossas colonias, onde o Justino era devidamente apreciado.

Não haveria contra-annunciação.

A physionomia do Justino, apesar de cinco dias exposta ás inclemencias do tempo, exhibia-se ainda alegre, fresca, risosna. O dia de quarta feira fôo uma faina cruel para nós outros os empresarios. Nem tempo tivemos para aprepare.



BRASIL — Jardim Botânico, no Rio de Janeiro



BRASIL — Morro da Gloria — Rio de Janeiro

Salvador Marques nem sequer tomou o seu banho do costume.

O guarda-roupa foi conduzido n'essa tarde para o passeio publico, e, n'uma padiola levada por quatro gallegos, a *Atlantide*, esse mytho que de tantas investigações tem sido causa no mundo da sciencia. Incumbiu-se o Barros scenographo de dirigir a conducção.

A providencia do erudito echiologo que tão scientificamente nos aconselhou a mergulhar e eiró no aquario foi a causa de lhe darmos tão grande incommodo.

Eram cinco horas da tarde quando o premio se collocoo no local em que deveria mostrar-se causando o assombro do illustrado publico d'este paiz de poderosas faculdades intellectuaes.

O Barros fazia de vez em onde a sua sortida á taberna do Vigia, substabelecendo a vigilancia no Rocha, um dos nossos melhores scenographos que, depois de frequentar como artista e como amigo

os salões do conde de Farrobo, foi soltar o seu ultimo suspiro n'um grabato do Asylo da Mendicidade!

Ao escurecer, tudo ficou devidamente resguardado n'esse recinto de gloriosas tradições — seguindo todos alegres e esperançados na grande noite que breve chegaria.

Atacando nos Irmãos Unidos, ali tivemos um jantar animadissimo, fazendo-nos repetidos brindes o Barros e o Rocha, com vista á prosperidade da nossa extraordinaria Empresa!

Salvador Marques olhava-me com certo orgulho; eu contemplava-o como um homem superior.

O auctor dos *Campinos* luxira-se mais uma vez n'esta inimitavel *nise en scène*.

Finalmente, ás dez horas da noite sahimos dos Irmãos Unidos e vim para o meu escriptorio, acompanhado pelo meu socio e amigo, emtanto que o Barros, abraçado ao Rocha, se dirigia para o



BRASIL — O forte de Velleaignon, depois da Revolta de 1893 — Rio de Janeiro

Rocio, a fim de refrescarem as frentes incendiadas pelos aromas do Cartão.

O dia de quinta feira amanheceu esplendido e esplendido se conservou até ao anoitecer; nem um sopro de brisa baloiçava a folhagem dos arvoredos.

Sem estremecerem, os renques de bicos de gaz conservavam-se como em um salão de baile.

Tudo se predispunha em favor do festival, que seria o orgulho d'um paiz e a nossa apothose.

Mas, oh desgraça irreparavel! quando a bilheteira se abriu ao publico, já receioso o bilheteiro pela affluencia de compradores; quando os contractadores pregoavam os bilhetes já com premio; quando, como pombas brancas, bandos de virgens e semi-virgens, saltitando como arveloas, se dirigiam para aquelle Eldorado; quando o velho rheumatico seguia a custo para admirar ainda na sua já curta vida essa estranha festa, uma nuvem de pó soprado por bocca cyclopica levantou-se n'um vórtice tremendo, sacudindo luzes, empoeirando olhos, derrubando chapéus, erguendo anagãos, exhibindo plantas microscopicas e pés de respeitabilidade rheumatica.

No recinto do baile o vento rugia ainda mais furioso. O illuminador, o primeiro illuminador da capital, suava sangue. As rendas d'Alençon dos punhos do Justino enfunavam-se, precipitando-lhe por terra a boquiha. Maria Antonietta chorava. A princeza de Lamballe perdera um sapatinho. E no Passeio apenas se conservava tranquilla a *Atlantide* e, sorrindo no seu elemento á tempestade que rugia, a *eiró* nadava entre as algas e os peixinhos de agua doce!

O desalento começou a apoderar-se dos empresarios e dos artistas. As luzes tomavam o aspecto de véias de trintario, a orchestra tinha notas funebres. Pelas nove horas da noite, hora a que devia principiar o baile, Eólo cada vez mais enfurecido, gaingando no dorso de Noto, esbafoteava Thersichore, e o Justino, n'um gesto endiabrado, tirava a boquiha da bocca e arremessando-a contra a parede, ora soltava a celebre phrase de Cambrone, ora a que mais tarde se escutou na geral de D. Amelia vibrada por Angelo de Lima.

Espalhou-se o panico; e a não ser o verbo convincente e inspirado ás vezes de Salvador Marques, aquella festa teria tido por epilogo os frequentadores do Trianon filados na casa da guarda do Passeio.

Por fim, o vento amainou um quasi nada e, afflicto, desalentado, os artistas apresentaram-se deante d'um publico de duzentas e tantas pessoas, entre pagantes e borlistas. Uma figura faltava, a primacial, a Maria Antonietta. Pobre Elisa! A morte que cinco annos depois te empolgou já n'essa noite, entrando pelo meo dos teus folgados, distendia as suas garras cruéis em direcção á tua cabeça loira. *"Pallida e loira, muito loira e fria.."*

Fatigada pelo muito que brincára com as suas alegres companheiras e pelos repetidos ensaios das valsas e minuets, resen-

tiu-se a sua debil organisação e não tardou a apparecer-lhe uma como que ameaça de congestão pulmonar, ahí n'essa propria noite de festa em que o entusiasmo e a ventura lhe tinham iriado o rosto juvenil.

Mais lhe valera ter logo morrido ali, a valsar, como nas *Fantômes* de Victor Hugo.

Finalmente, a vontade e a juvenude triumpharam do monstro e meia hora depois, d'uma formosura que a propria Maria Antonietta invejaria, a pallida creança insciente da sua enfermidade, bebendo as proprias lagrimas, sorria para os que a rodeavam, como a estatua d'um anjo de sepultura.

Bompeu a orchestra e momentos depois Luiz XVI— digo Justino Soares — batendo gentilmente o canelím com o sorriso eterno nos seus labios sequiosos de gloria, gesticulando alegremente ora para a rainha ora para o delphim, dizendo coisas á princeza de Lamballe, *voltando-se nas pernas* para a corte, deu principio ao baile. Este durou apenas meia hora, porquanto o vento, n'uma desapiadada insistencia, levantava turbilhões de poeira que se interpunham aos olhos do publico, forçando-o a retirar-se em debandada, exclamando alguns dos fugitivos: — "Borracheiras do Salvador Marques e Thomas de Mello, i isto como se nós fossomos os responsaveis da partida atmospherica que nos soltava tempestades de areia e vento rijo por essa noite calida d'agosto, quando momentos antes

O Tejo era sereno

.....
a viração subtil.

Aquellas tres palavras — *borracheira, Salvador e Thomas* — tiveram mais lugubre poder echoadas em tal recinto do que o Mane-Tecel-Phares do festim de Balthazar.

O Justino succumbiu, a corte estremeceu, e o Salvador que na bilheteira estava agonisante e, como por suggestão, tocado pelos rareophagos da pilha voltaica, ia cahindo do mocho onde se assentava.

Ea, pregado á *Atlantide*, pensava de antemão onde collocar a no meu escriptorio e em conserval a ahí para memoria d'esse festival e da immoredoura asneira.

Era lá possivel que entre essas 220 bilhetes estivesse o premiado!

No momento em que o Barros me fazia notar uma evolução da *eiró*, um sujeito bem trajado, de respeitavel apparencia, perguntou-nos em voz preguicoza:

— Como se leva isto d'aqui, sr. Empresario?

Estremezi, fitando-o sem soltar palavra.

— Como se leva isto d'aqui? repetiu o tyranno.

— Como se leva? Provavelmente como para aqui se trouxe. Mas a que proposito vem isso?



BRASIL — Praia da Boa Viagem — Niteroy

— E' que esta dorna tem pregado o numero 512 e...
 — E... que? perguntou o Barros.
 — E meu bilhete tem o numero 512.
 Não havia duvida. Ao monstro sahira a *Atlantide*,
 "a dorna", como o selvagem lhe chamava. E lá iam
 todos os meus planos! Era o que me restava salvar;
 — aquelle aquario, aquelles peixes, aquella concha,
 tudo isso ia passar para a mão d'elle.

Perguntou de novo: "como se leva isto d'aqui?",
 — Pegue-lhe e leve-o ás costas, respondeu o Bar-
 ros. Tem o numero 512 — é esse o numero; entrega-
 mos-l'ho, que mais quer? Faça o mesmo que nós fize-
 mos. Chame quatro gallegos e leve a *Atlantide*.
 — Eu não quero a *Atlantide*; quero só o que me
 pertence, que é esta dorna com tudo quanto tem den-
 tro. A *Atlantide* pode guardal-a...

— Você é um burro! Pois isto é que é a *Atlantide*.
 Neste momento appareceu um guarda.
 — Este sujeito apanhou o premio. Indique-lhe a
 maneira de o levar a salvamento.

E sem mais conversa dirigimo-nos para a bilhetei-
 ra, onde agonizava o meu socio.

Salvador estava de uma pallidez aterradora. Cal-
 culando o prejuizo que tinha havido; lançou-me olha-
 res odiosos!

— Ah! tens a tua idéa! vê o que me custou — qua-
 renta e tantos mil réis!

— E outros quarenta a mim. Mas divertimo-nos
 durante quinze dias. Sahi a 2\$700 por dia. Achas
 muito?

— Resta-nos o aquario?

— A *Atlantide*, dizes?

— Sim.

Pois nem isso. Sahi a um brasileiro. Acaba de
 nos apresentar o 512.

— E' assombrosa a nossa macaca!

— Que queres? Tambem de que nos servia a *Atlan-
 tide* dividida entre os dois...

— Mas ficava eu com ella.

— Para tomares banho?

— Volta tu outra vez com alguma idéa.

— Tenho outra, mas essa não falha.

Salvador não me respondeu.

— Agora amigo, continhei, temos de ir ceiar com esta boa gente.
 O que se aprou dará para a ceia? Conta. Se falta, eu trago aqui
 dinheiro. Tenho de dar uma ceia condigna dos personagens. Que-
 rias talvez ir ás incas com ellas e sem ellas? Já não digo que va-
 mos ao Augusto, mas, pelo menos, ao Vigi.

— Eu, respondeu muito explicadamente Salvador Marques, não
 vou a parte alguma. Farto d'isto estou eu. Vou mas é para casa,
 logo que tenha pago as despezas geras.

Assim o disse, assim o cumpriu. Depois de pagar todas as des-



BRASIL — Igreja do Bomfim — Bahia

pezas, retirou-se cabisbaixo, rosnando palavras imperceptíveis,
 investivando-me, talvez, por lhe haver mettido na cabeça que
 vestisse o Justino Soares á Luiz XVI.

Arruinado por dez, arruinado por cem. Acompanhado pelo Jus-
 tino e pelos que haviam figurado no balie, apesar de todos os
 transtornos, fomos ceiar alegremente.

Todos tinhamos cumprido com os nossos deveres. Todos menos
 o velho Tempo.

Na ultima saúde que levantei a Justino Soares, fiz o elogio do



BRASIL — Passagem do Rio Tietê — S. Paulo

seu desembarço e propuz-lhe, em seguida, dar uma toirada no Campo de Sant'Anna em que elle, a cavallo, iria picar um boi, dizendo-lhe ao mesmo que Séneca, aquelle dançarino illustre do tempo dos Filippes *rejoiceira* um touro na terra de Santa Maria.

— E se Séneca o fez, respondeu o Justino, porque não hei-de eu fazê-lo? Tudo está no preço, amigo, tudo está no preço. Aqui, tens homem para tudo.

— E assim é. Hurrah! pelo Justino por esse homem que tão valentemente esmaga os annos, passando o pé á velha Morte n'um eterno redopiar de mazaruka.

Thomas de Mello.



Theatros

D. Amélia — O Segredo de Polichinello. **Gymnasia** — O menino Joãozinho. **Trindade** — O Burro do sr. Alceide. **Avenida** — A Archiduqueza.

O Segredo de Polichinello que tambem exito tem tido no **D. Amélia** veio a propósito para demonstrar que não está pervertido no theatro o gosto do publico. Todas as cattinarias e invectivas contra essa perversão todos os dias fustigada se quebram diante do acolhimento triumphal feito aqui e em França á adorado comedia intima de Pierre Wolff.

Applaudido á chusdas vezes, como lá dizem, essas scenas de familia tão tocantes, essas situações que pela simplicidade e pela verosimilhança encantam o espirito e enternecem o coração, o publico de Lisboa como o publico de Paris valem toda a critica a mais arguta e a mais erudita, provam que o theatro não é defeito á exhibição das scenas teras, que a bondade, a doçura, a clemencia, tem no palco como tem nas almas o seu throno, e que os affectos singelos, os sentimentos nobres, quando passa por elles um sopro do coração e uma faísca do talento, avivam a sensibilidade, aquecem e enthusiasmam os espiritos, com a mesma desprezo, a mesma singularidade, e a mesma intensidade com que, em tempos mais ingenhos, scenas ingenhas desdobradas nos palcos dos theatros commoviam e debulhavam em lagrimas nos seus paes.

Á arte no Segredo de Polichinello tem o condão de renovar sentimentos que estavam adormecidos, e, com a simplicidade dos coraçãoes, as deliciosas abnegações da ternura familiar, de fazer frente á escriptura occulta litteraria dos nossos dias, e levar de vencida na contemplação terna e absorvente de dois avós, nas meiguices de uma creança, no enlevo dos paes, na bondade e no perdão, em summa no triumpho absoluto da natureza contra preconceitos e convenções do mundo, levar de vencida todos os effeitos dissolutivos do espirito moderno, todos os trepedilhos da phrase maliciosa, todos os attractivos da plastica desbragada, todo este decoreto, que o espirito moderno, e especialmente o espirito francez, estadia pelos palcos de todos os theatros do mundo, como a suprema exhibição da arte sensacional.

Semvindas sejam, portanto, peças como esta, que renovam a tradição, e como um desinfectante espirital limpam coraçãoes e almas, revivem costumes patriarchaes, celebrram os encantos da familia e fazem subir á superficie, através de brandas lagrimas e sorrisos delicados, o que de bom e santo e casto existe no fundo de nós todos, tão casto, tão santo e tão bom, que, como acaba de ver-se, a litteratura triumphante d'estes tempos, ainda não conseguiu perverter nem estragar.

O admiravel desempenho de Luclinda Simões, Rosa Damasceno, João Rosa e Augusto Rosa, e, a seguir, de Adelina Abranches, Maria Pia, Alves, e, da pequeneta que faz encantadoramente o papel da creança, deram ainda relevo a todas as belezas, a todas as ternuras, da adorado comedia de Wolff, que está vertida em correctissima linguagem, e que foi sabiamente escolhida por Augusto Rosa, o artista superior, para a noite da sua festa, cheia de commoções e de gloria.

É uma comedia desopilante *O menino Joãozinho*, que o antigo e habil ensaiador do *Gymnasia*, Leopoldo de Carvalho, se acolheu para a sua festa n'aquelle theatro.

Pertence aquelle genero de peças cuja accção não é facil descrever depois, porque as situações comicas, e as phrases d'effeito absorvem a attenção do espectador, que, depois de rir e applaudir, esquece. Poz-lhe n'um de sua casa o sr. Freitas Branco que tem o raro privilegio de tornar bem portuguezas as peças estrangeiras, e de saber intercalar espirito onde elle falta. D'esse arreglo feliz e do desempenho applaudidissimo de Barbara, Joaquim d'Almeida, Cardoso, Solier e de outros artistas ainda, resultou o exito de *O menino Joãozinho*.

E com duas reprises *O Burro do sr. Alceide* da *Trindade* e a *Archiduqueza* da *Avenida*, se exgotaram na quizezina finda

as novidades theatraes. A velha operetta de Offenbach e a comedia-opereta, já consagrada, de Gervasio Lobato e de D. João da Camara, so pelo desempenho novo, que veio revivel-as, merecem registo n'este logar, porque a respeito de ambas já está dito tudo.

Na *Archiduqueza*, era de ver que cabia a Palmyra Bastos, que com este espirituoso papel celebrou a sua festa artistica, o sceptro do desempenho. E depois d'esse excellento trabalho, que o publico coroou de applausos, injusticia seria calar o nome de Alfredo de Carvalho. O exito que teve a *Archiduqueza* deve-se principalmente a ambos.

A quizezina parece ter sido consagrada a festas de artistas, porque *O burro do sr. Alceide* foi a peça escolhida tambem pelo actor Francisco Costa para a sua noite na *Trindade*.

Dos antigos interpretes nem um! Mas quem se lembra do brilho com que pela primeira vez foi representada no *Avenida* a peça em que tanto talento bu moristos espalharam os dois escriptores, e em que Cyrano de Cardos poz todo o bilho da sua sciencia musical, nao pode deixar de reconhecer que se esmeraram agora no desempenho os interpretes da *Trindade*, porque conseguiram ser applaudidos até por aquelles que assistiram á *première* do *Burro do sr. Alceide*.

JAYME VICTOR.

Cantigas

Tens olhos, contas escuras,
São duas Ave Marias
Do rosario de amarguras
Que eu rezo todos os dias.

Se os olhos teem *meninas*
E as meninas teem olhos,
Tens olhos e essas *meninas*
São *meninas* dos meus olhos.

A ARTE NO BRASIL



Cosineira preta, desenho de W. Reichardt, (S. Paulo)

Bemvinda

(Excerpto)

Bemvinda tem quinze annos. Cada dia
Que rompe entre clareiras de alegria
No immaculado azul dos olhos d'ella,
Anoitece, com medo de perdê-la,
No coração do lugubre sineiro,
Não vá, ultima flor do seu canteiro,
Ser tambem desfolhada pela morte.
O medo de a perder turva-o de sorte
Que se ella o vê a olhar, calado e bronco,
E haste nova cingida a um velho tronco,
O abraça e beija em éstos de prazer,
Quer e não pôde as lagrimas conter.
Capricho singular da natureza,
Ser a alegria fonte da tristeza
N'aquellas duas almas tão visinhas
Das nuvens altas e das andorinhas,
Vivendo entre beirões e coruchéas,
Distantes mais dos homens que de Deus,
E amando-se no seio oxigenado
Na limpidez do espaço illimitado.
Quando o velho cardiaco se sente
Muitas vezes mais fraco e mais doente,
Bemvinda ergue-se cédo e é quem moitreja:
Varre o largo terraço sobre a egreja,
Rega os vasos dispostos a seu geito,
Em linha, junto ao crasso parapeto,
Nos quaes, ao sol, o seu olhar ufano
Vê sempre a abrir rosas de todo o anno,
E com os braços tenros e franzinos
E as mãos pequenas lá replica os sinos
Com tão clara alegria pelos ares,
Que as imagens sorriem nos altares,
E voam, n'um ligeiro e alegre bando,
Em volta d'ella os passaros cantando!
Afeita ao culto, alma singela e boa,
A fé tranquilla em Deus habituou a
Da religião ás praticas submissas:
Confessa-se, jejua e assiste ás missas,
Da ogiva aberta em frente do alta-mór
Toda inclinada para vêr melhor,
Quando ha pontifical ou lausperenne,
O cortejo magnifico e solemne
Do senhor arcebispo, revestido
De capa magna, atraz do seu cabido,
A mitra d'ouro, o baculo apramado,
Em bençãos para um lado e outro lado.
Tudo a dealumbrá. Hysterica e nervosa,
Ebria de incenso e de harmonias, gosa
N'um extasis devoto as coisas bellas
Que esmaltam os altares e as capellas,
Esculpturas, jarrões, pratas e rendas,
Os brocatéis e as lhamas estupendas
Que fulgem nas casulas e frontaes,
Mas sobre tudo o que a deslumbrá mais,
N'uma impressão de espanto e de grandeza,
E' a custodia d'ouro, ao alto, accoa
No throno em pedrarias de mil côres,
Circundada de luzes e de flores!
Bemvinda então, n'um sonho, olhando abstracta
O vae-ven dos thuribulos de prata,
Dos quaes o incenso em focos dissolventes
Consoa os tristes e regala os crentes,
Subindo e desfazendo-se nas naveas,
Ouvindo absorta as litanias graves
Que a egreja, ao som dos órgãos doloridos,
Trasbordá afflicta em queixas e gemidos,
Então Bemvinda sente-se — que encanto! —
Subir, envolta n'um aéreo manto,
Fulgente d'astros, pelo espaço fóra,
E entrando as portas da perpétua aurora,
Ave do ceu tranquilla que esvoaça
No infinito esplendor, cheia de graça,
Escuta Deua, n'uma ternura infinda,
A dizer-lhe: — Que tu sejas bem vinda!

CONDE DE MONSARAZ.

Historia antiga

(Excerpto)

MARQUEZA

Ora, conte-me, vá... o quê? Uma aventura
das suas, porque outr ora, conde, a historia diz
que o senhor era bello, arrogante, feliz,
atrevido, e a sua mão, de destreza afamada,
buscava, com prazer, os copos d'uma espada.
Era rico, era ativo! Eu sei dos seus duellos,
que p'ra os maridos foi o peor dos flagellos
e que de o ser fazia o mais pomposo alarde.
Era um conquistador, o conde! Oiga, — uma tarde,
conversando comigo, houve uma bella dama
que, baixinho, no tom de quem amou ou ama,
me disse que de ouvir-lhe os passos, tão somente,
nunca um seio deixou de se agitar, fremente.
Sei que foi pagem; sei que, em busca de outras bellas,
alarmava Paris em rixas de vieellas,
e até sei que uma vez foi parar á prisão
porque um dia appareceu enforcado um ganhão
que tinha, ao que parece, uma linda mulher.
E quatro mezes preso, e por isso! Que quer?
Não posso perdoar-lhe uma tal aventura!
A mulher d'um villão, o conde! que loucura!
Ainda se, porventura, esse caso se passa
com uma dama que fosse illustre pela raça
como pela belleza... Emfim, diga essa historia
que eu lhe pedi; a que entre as outras, na memoria,
se lhe gravou mais fundo, embora mais distante,
— uma historia, de amor, uma historia galante:
uma dama da côrte, uma paixão saudosa,
um raio de luar e um perfume de rosa,
esse idyllio em que não é nunca extraordinario
que appareça, de chofre, o costumado armario
aonde, a um tempo, encontra o marido inesp'rado
um amante transido e o fato amarratado.

CONDE

Mas p'ra que ha de ser sempre a mesma grande dama?
A mulher, quando agrada, é uma mulher que se ama.
Se é feita para encantar, encanta, nobre ou não.
A formosura, a graça, escusam de braso!

MARQUEZA

Obrigada! Não quero ouvir amores banaes.
O conde tem decreto outros nos seus annaes...

CONDE

Visto que assim, marquezã, em absoluto o quer,
obedeço-lhe. — Ah! é bem certo que a mulher
faz sempre de nós tudo o que deseja e pensa;
entre o de Deus e o seu querer não ha differença.
Eu quando vim p'ra a côrte era um sentimental.
Por fim tive que abrir os olhos. Foi brutal
o despertar, marquezã! Amor frito de fé
como eu tinha á gentil condessa de Paulé
não creio facilmente achar-se um semelhante.
Assim, quando a encontrei nos braços d'outro amante,
cuidei morrer de dor, de paixão... Que loucura!
A côrte ri, Paris ri da minha candura.
Sempre o mesmo invejoso, o mesmo vil processo:
pateia-se a desgraça, applaude-se o successo.
Fôra eu o trahido, a victima, o enganado?
Era justo tambem que fosse o assoviado.
E dois mezes chorei a ingrata... Foi bastante!
Depois (era de esperar) tive uma outra amante.
Que pureza de olhar nos olhos crystallinos!
Mas o seu coração tinha dois inquilinos...
Era um poeta, — o outro, e cantava-a em verso
chrysmando-a em flor, estrella, em astro do universo
e não sei bem que mais. N'um momento febril,
provoquei-o... — Mas era um espirito subtil,
Em vez de se bater, fez-me um soneto. — Emfim,
como da outra vez, tudo se riu de mim.
Serviu-me de lição, porém, o contratepo.
Deixei de amar só uma, amei todas a um tempo,
e em divisas de amor sabe a que eu escolhi?
A do galante rei: *Bien fol est qui s'y fie.*

MAYER GARCÃO.

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lotário Teyssie
Editor—Luiz Antonio Sanchez
Redacção e administração—Rua de S. Roque, 144
Ed. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Anno.....
Numero avulso.....	6 meses.....	6 meses.....
	36000	3 meses.....	Numero avulso.....
	23000	Numero avulso.....
			5000		3000

SUMMARIO

TEXTO

Politica Internacional—CONSIGLIERI PEDROSO.
Shelley (Excerpto de um livro) CLAUDIA DE
CAMPOS.
O adepero de esmeraldas—GUSTAVO BECQUER.
D. Thomaz de Mello—BELDEMONIO (BARROS
LOBO).
ca festa do Justino—THOMAS DE MELLO.
Theatros—JAYME VICTOR.
Cantigas.
Dem vinda (excerpto) COME DE MONTARRAZ.
Historia antiga (excerpto) Mayer Garcia.

GRAVURAS

Inglaterra e Portugal—SIR MARTIN GOSSALIN—
MARQUEZ DE SOYERAL—LADY GOSSALIN.—O pri-
meiro e o segundo secretario da legação in-
gleza em Lisboa—O Rei Eduardo aos 18 an-
nos—Duarte Silva, coronel de cavallaria 3—
A familia real inglesa—A leitura da procla-
mação de Eduardo VII á entrada da bolsa de
Londres.
COSTUMES DO ALGARVE—Uma feira—Na feira.
CONDESSA DE MACEDO.

BRASIL.—S. João d'El-Rei, (Minas Geraes) A rua
Pysyand—Jardim botânico—Fortaleza de
S. João, Moiro da Gloria, o forte de Velle-
gaignon, no Rio de Janeiro—Praia da Boa
Viagem, Nitheroy—Egreja do Bemfim, Bahia
—Passagem do Rio Tieté, S. Paulo.
A ACTRIZ EMILIA LOPES.
JOSÉ VASCO RAMALHO ORTIGÃO.
A ARTE NO BRASIL.—(Cosinheira preta), desenho
de W. Reichardt.

34 Illustrações

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... e
diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, riço,
com boas côres. E eras tão franzino!
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma
o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no
Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco
do Rio de Janeiro.

PLACAS PHOTOGRAPHICAS

10
PAPEIS JOUGLA
os melhores

PARIS-45, Rue Rivoli, 45-PARIS

Comprem o solido **CALÇADO DO ROCHA**, o melhor do Brasil

CASA DO ROCHA

Rua 15 de Novembro, 20 — São Paulo (BRASIL)

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO—Joaquim Caidas e Brito, Rua Pinto Basso, 150.
 BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA—Gomes Amarel e Com.^{ma}
 GART LLO MANGO—Pedro Augusto Passoa.
 LISBONA—Antonio Augusto Salgueiro
 ELVAS—Jose Antonio dos Santos Sobrinho
 A COBACA—Jose Narciso da Costa
 PONTALEGRE—Domingos da Guerra Conde
 LEIA—Manuel Carreira Dias
 VIANNA DO CASTELLO J. B. Domingues
 COVILHã—Jose Pereira Cabral
 TAVIHA—Jose Maria dos Santos
 FAHO—Mays e Trigos.

No Estrangeiro

PARIS—Kavir de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.
 A empresa do Brasil-PORTUGAL tem ja os seguintes:

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa com.^{ma}
 Francesa—Rua Adolpho de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central
 dos Estados do Sul. Coronel Theodoro Pupo de Moraes
 e Jose Martins Pollo, Rua da Alfandega, 4. Cordeiro
 FERNANDES O. A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primeiro
 de Março

PARANÁ—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua
 Joao Alfredo, 7.
 MANAOS—Jayme e Camara—Livraria Classica—
 Rua Guilherme Moreira.

PARANÁ—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua
 Joao Alfredo, 7.
 MANAOS—Jayme e Camara—Livraria Classica—
 Rua Guilherme Moreira.
 MARIANA—Aberto Maj 1. Caixa do Correio n.º 4
 CEARA—A. Ferreira Braga—Praça Jose Alencar 30
 BAHIA—Jose Luis da Fonseca Magalhães (Livraria
 Magalhães)—Rua Livres do Funchal, 15
 PELOTAS—Carlos Pinto e C.ª (Livraria America)
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto e C.ª (Livraria America)

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto e C.ª (Livraria
 Americana) Rua Nacional, 11.
 VI TORIA—Estado do espirito Santo—Guimaraes
 e Coelho—R. da Alfandega, 15

Em Africa

MOCAMBIQUE—J. Augusto Pinto de Carvalho
 BEIRA—Antonio Francisco Rebelo.
 SOGODINA—Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUILIMANE—Henrique Jorge de A. Neves.
 NE NGUELLA—Mathews e Zavares
 LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Hestor da
 Silveira do Orenu.
 N. THOME—L. A. B. Alves Mendes

Fabrica Confiança de Gravatas

VENDAS POR ATACADO
 Endereço telegraphico—GRAVATAS



J. AZEVEDO & C.ª

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO



EMPRESA INSOLANA DE NAVEGAÇÃO

Para S. Miguel, Terceira,
 Graciosa (Santa Cruz),
 S. Jorge (Catheta), Lagos
 do Pico, Fayal e Flores.

Sae o vapor **Acôr**, com-
 mandante Carlos Ferreira Vidiana,
 no dia 5 de Fevereiro, ás 10
 horas da manhã.

Trata-se com os agentes—
 Caes do Sodré, 81, 2.º

Germão Serrão Araujo

Deposito Sanguinhal
 Vinhos tintos e brancos

SANGUINAL

Os melhores vinhos de meza

VINHOS

Porto e Madeira

Cognac,
 Champagne,
 Licores, etc.

129—RUA DO ALECRIM—131

Telephone N. 129

BRASIL-PORTUGAL

O n.º 102 de 16 de abril será
 todo dedicado á visita de S. Magestade
 Eduardo VII, Rei de Inglaterra,
 a Lisboa.

JULIO LIMA & C.ª



FABRICANTES DE CHAPEOS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End.º teleg. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1890 — Ocupa a area de 12.000 quadras

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇOADOS

Os seus productos rivalizam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica foi distinguida com o diploma na Exposição Artística e Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Abastecê os principaes mercados do paiz.

FARANI SOBRINHO & C.^a — Joalheiros

Rua do Ouvidor, 86-A — Rua dos Ourives, 68 — RIO DE JANEIRO

Alberto, Martins & C.^a

IMPORTAÇÃO

E

EXPORTAÇÃO

Caixa Joo Correto — 708.

Códigos — BRASIL e RIBEIRO

Rua da Alfandega, 110

RIO DE JANEIRO



Exportadores para todos os Estados do Brasil	Offinas montadas com todas as utilidades necessarias	AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS	TELEGRAMAS PINTERO Caixa de Correo—394
--	--	-----------------------------------	--

101, RUA DO HOSPICIO, 101

RIO DE JANEIRO



Industria de sede
de lã e algodão
NACIONAES
E ESTRANGEIRAS
Tapetes, alfombras, jules
OLEADOS
PERFUMARIAS
MIUDEZAS
etc

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.º ordem, 4

RUA DO CARMO, 35, 1.º

(CHIADO)

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — G. Pinto Basto & C.^a

Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (de quaras feiras alteradas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernalhuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow Carreiras para Fordeus e Leith, etc.

VINHOS

CHAMPAGNE

VILLAR D'ALLEN

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^a

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

ARMAZEM DO PARC ROYAL

M. NUNES & C.^a

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços fixos sem competencia

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 14

RIO DE JANEIRO



VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

PORTO
REGISTRADA

BANCA DE COMERCIO

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

LIVRARIA

DE

Jacinto Ribeiro dos Santos

LAFAYETTE.—Direito Interação, 1.º vol., 308.00; Direito das Cozas, 1.º vol. enc. 1.º ed.; Direitos da Família, 1.º vol. enc., 308.00 reia;
ITAGIBA.—Fosse Manutenção de Dizeitos, 1.º vol. broch., 11.000.000; 11.000;
BARTHO DE FARIA.—Das Fallencias (Lei n.º 859 de 16 de Agosto de 1901) anotada de accordo com a doutrina, a legislação e a Jurisprudência, 1.º vol. broch., 7500.000; enc., 140.000;
idem, Nullidades em Materia Criminal, 1.º vol. broch., 11.000.000; enc., 120.000 reia;
CANDIDO DE OLIVEIRA.—Curso de Legislação Comparada (incluindo publicados 20 fasciculos) preço de cada fasciculo, 1500 reia;
JOAO VIEIRA DE ARAUJO.—Revisão dos Processos Penaes, 1.º vol. enc., 11.000.000; Codice Penal Interpretado, 1.º vol. enc., 308.00 reia;
VIEIRAS DE LANTO.—Questões de Direito Penal, 1.º vol. enc., 12.000 reia;
PAULA PESSOA.—Codigo do Processo Criminal, 1.º ed., 308.00 reia;
BOLEH.—Compendio Elementar, 1.º vol. enc., 15.000 reia;
MORAES CARVALHO.—Tratado de Direito, 2.ª edição anotada por Leovino Ferreira Lopes, 1.º vol. enc., 10.000 reia;
MENEZES.—Pratica de Inventarios, Partilhas e Contas, 1.º vol. enc., 10.000 reia;
T. DE FREITAS JUNIOR.—Assessor Commercial, 1.ª edição, anotada e em accordo com a legislação actual, 1.º vol. enc., 15.000 reia;
SILVA COSTA.—Fadico sobre a Sociedade da Damao, 1.º vol. enc., 60.00 reia;
WITTELMAYER.—Tratado da Prova em Materia Criminal, 1.º vol. enc., 10.000 reia;
ALFREDO VARELA.—Direito Constitucional Brasileiro, 1.º vol. enc., 308.00 reia;
LYDIO MARIANO.—Cassamento Civil, 1.º vol. enc., 12.000 reia;
ALBERTO DE CARVALHO.—Causas Celebras Brasileiras, 1.º vol. enc., 15.000 reia;
JOAO RIBEIRO.—Historia do Brasil (curso superior) 1.º vol. cart., 4000; Historia do Brasil primario 1.º vol. cart., 2000; Estudos Philologicos, 1.º vol. broch., 2500; Versos, 1.º vol. broch., 3500 reia;
A. HERCULANO.—Lendas e Narrativas, 1.º vol. broch., 2500.000; enc., 3500 reia;
GARRETT.—Camões, 1.º vol. enc., 4000; broch., 2500 reia;
CAMILLO C. BRANCO.—Amor de Perdição, 1.º vol. broch., 2500; Correspondencia em Versos de Castro, 1.º vol. broch., 4500 reia;
TEIXEIRA E SOUSA.—Fatalidade de Jovens, 1.º vol. broch., 2500 reia;
EDMÁS FILHO.—Luzes das Camélias, 1.º vol. broch., 2500 reia;
ARBAIDE PIESVOST.—Historia de M. de Lencastre, 1.º vol. broch., 2500 reia;
RODRIGUES.—Rosa do Adro, 1.º vol. broch., 1500 reia;
EDMÁS.—Code de Monte Christo, 4.º vol. broch., 6000 reia;
ALMEIDA.—Femina, 1.º vol. broch., 2500 reia;
CAPELDO.—Karlós, 3.º vol. broch., 2500 reia;
BOCHA.—Agosto e Olympia, 1.º vol. broch., 2500 reia;
FIGUEIRO FIMMTEL.—O Terro do Marido, 1.º vol. broch., 2500;
GUERRA JUNQUEIRO.—Morte de D. João, 1.º vol. broch., 2500 reia;
JULIO DINIZ.—Novella da Tia Philomena, 1.º vol. broch., 2500 reia; Apprendizos de aula, 1.º vol. broch., 2500 reia;
H. SCHICKSBERG.—Que Vadia, 1.º vol. broch., 2500; Os Cavalleiros da Cruz, 1.º vol. broch., 2500; Sigamul-o, 1.º vol., 200 reia;
THOMÉ DAS CHAGAS.—Novas Contas da Carochinha, 1.º vol. cart., 2500 reia;
FERREIRA.—Comiteiro Nacional, 1.º vol. com gravuras, 2500; O Rei dos Concheteiros, 1.º vol. cart., 2500.

51, Rua Gonçalves Dias e S. José, 76

RIO DE JANEIRO

PSICHOLOGIA DO CHAPÉO

«O estylo é o homem!—Dizia Buffon, um Sábio de tom... Está provado, hoje em dia, Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labéio: Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéo!»

Acreditem! Não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito Com um chapéu de forma vil, Amarrado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!»

Mas quando alguém apparece Trazendo no craneo, ao sol, Um chapéu que resplandece, Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua forma sem par,

—Admirando o cavalheiro, Diz a gente: Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céu Com vôo do Pensamento? Quereis ter um bom chapéu?

A Sciencia não vos engana... Teres um chapéu ideal, Comprando-o na Americana Do Carrhalo Portugal!

CHAPELARIA AMERICANA

133, R. DO OUVIDOR, 133

—RIO DE JANEIRO—

Empreza Nacional de Navegação

Para o

ALGARVE e GUADIANA**CARREIRA OFFICIAL****GOMES VI**

Este novo e excellente vapor da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve sahe de Lisboa nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sahir em 6 e 21.

GUILHERME SILVA

Camisae, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovaes em todos os
generos

LONDON & PARIS**109, Rua de S. Nicolau, 111****LISBOA****Compagnie des Messageries Maritimes**

Paquebots posto français

Linha Transatlantica

Para Dakar, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a **OREY ANTUNES & C.ª = 1, Praça dos Remoadores.**

Para passagens, carga e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia = **37, Rua Aurea.**

Os agentes, **SOCIEDADE TORLADES****Empreza Nacional de Navegação**

Carreira quinzenal

para a Costa d'África Occidental

Sahidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nas seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizete, Ambriz, Luanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B. — Os paquetes que sahem a 6 fazem escala por Santo Antonio do Zaire Ambrizete, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, S. 1.ª

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS**R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120**

← LISBOA →

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

BANCO
Nacional Ultramarino

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa

Rua Nova d'El-Rei, 73

Succursaes em Moçambique e
Loanda. Agencia em S. Vicente e
S. Thiago de Cabo Verde, Benguela,
Mossamedes, S. Thomé, Lourenço
Marques e nas principaes
terras do norte.

Bilhares de precisão

COM A

Celebre tabella americana

MONARCH**PANNOS, TACOS, BOLAS**
e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade

Cartas, Tentos e Fizas

Para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Seena

28 — Rua Nova do Almada — 30

(Casa fundada em 1834)

LISBOA Pipam e Gallego filiaes

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL

STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores
d'esta antiga Companhia

Prestam-se todas as informações
na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,

JAMES RAWES & C.**GABINETE HYDROTHERAPICO**

e Dr. Mauperrin Santos

Medicos Structores J. Mauperrin Santos

J. Silvestre d'Almeida

Instalacao hydrotherapica completa; duas
salas de banho para homens e mulheres, inteiramente
a paradas e independentes; gabinete
aquecido d'eletricidade e massagem; massagem
e gymnastica medica, dirigidas por C. de Sousa.
Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Aberto das 8 da manhã e das 3 da tarde

ESTAB.: CALÇADA DO BUQUE, 20

CALÇADA DA GLORIA, 18 LISBOA

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Panqueiros, 101, 1.ª

JAYME PIRES & COM.ª

Fazendas nacionaes e estrangeiras.
Confeccões para homens, senhoras
e creanças. Fardamentos militares
e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azues e em
cores, de **65000 a 205000**

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15000 a 25000

Escolhido sortimento em sobretudos,

Doubles-capas e varios d'aveiro.

Capas á hespanhola, fabrico especial da nossa casa, de

15000 a 25000**CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA****A VAPOR**

DE

José Maria Pereira Junior**COMPLETO SORTIMENTO**

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33**RIO DE JANEIRO****ATELIER DE ALFAYATE****ANTONIO DO GOUTO**

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.ª — LISBOA

PERFUMARIA

L. Quarré

Fama conquistada pela perfeição

DOS
PRODUCTOS

Preços de alguns productos:

Esmaltino, pó dentifricio, caixa.....	1\$000
Pó de arroz, caixinha.....	3\$000
Dito, dito, pacote.....	1\$500
Loções, frasco.....	3\$000
Amykos, elixir dentifricio, frasco.....	1\$000
Agua de quina, frasco.....	2\$500
Pó de sabão para barba, frasco.....	1\$500
Agua de Melissa, frasco.....	2\$800
Pasta dentifricia, boceta.....	1\$500
Brilhautina concreta, póte.....	2\$000
Dita liquida, frasco.....	2\$000 e 2\$500
Oleo perfumado, frasco.....	3\$000 e 3\$500
Extractos para lenço, frasco.....	3\$500 e 4\$000
Agua de Colonia, frasco.....	4\$000 e 6\$500

LICORES SUPERFINOS

DELICIOSAMENTE PERFUMADOS

MEIO LITRO 3\$000

DEPOSITO: Rua Gonçalves Dias, 40

Rio de Janeiro

Aux Dames Elégantes

GRANDES ATÉLIERS

COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passelo

Enxovos para casamentos

Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abafos de novidade

FIGUEIREDO & SILVA

I, RUA DO THEATRO, I

RIO DE JANEIRO

ARTHUR DE CARVALHO & C.^a

Casa especial

DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

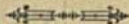
Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

BÉNAC, TEIXEIRA & C.^a

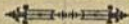
(Successores de A. DOUX, e de DOUX & FERREIRA)



ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de instalações de aposentos



RUA DO OUVIDOR, 60

Ender. leleg. — BÉNAC

☛ Telephone n.º 729

RIO DE JANEIRO

ANGELINO SIMÕES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transacções directas com as principaes praças do Brazil e da Europa

Vastos armazens nos novos predios recente e expressamente edificadas para este ramo de negocio em larga escala



Rua do Mercado, n.º 31

☛☛☛ Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da hapa dos Mercadores, n.º 6 e 8



RIO DE JANEIRO

Ender. telegrap ANGELINO

Caixa postal 1054

FABRICA S. LOURENÇO

LADEIRA DO FARIA Nº 2
E CASCADURA

DEPOSITO CENTRAL
RUA DOS OURIVES
Nº 134



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

LOPES, SA & C^{IA}

FABRICA DE PHOSPHOROS AURORA

CASA MATRIZ
RIO DE JANEIRO
CURSUAES
CEARÁ E SOBRAL

GRANDE EMPORIO
FUMOS, CHARUTOS, CIGARROS,
E TODOS OS ACCESSORIOS DESTA
ESPECIE DE COMMERCIO.

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayne Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina

pela Universidad de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Medico dos Hospitais Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidad de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu

e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 3/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'agua perfumada, frio ou morno, conforme lhe está prescripto.

As **salas de banho**, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, tem cada uma 17 banhos d'asperão, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regressam aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções d' Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, tem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo tem lugar o *lunch* e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de florete e do pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervallo ne-essario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a *tabela das refeições que corre impressa*.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando alli os alumnos divididos em 5 sec.ões, conforme as suas idades.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrucção primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

As quartas e sabbados, das 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capellão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão. Em seguida dirigem-se as diferentes secções d' Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.

As 11 horas ouvem uma pequena prelecção sobre assumpto de hygiene, feita pelo Director.

* Durante este periodo tem lugar os ensaios de theatros e de tana, dirigidos pelos respectivos profes sores, e as aulas especiaes de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS

ARAÚJO, VEIGA & C.^A

(Antigo Barros Araujo)

Armario, Modas e Perfumarias

Grande variedade de artigos de Armario, Modas, loques, luras, perfumarias, meias de seda e de fio d'Escocia. Artigos para photo-miniatura; e completo sortimento de artigos para bordar.



Recebem-se por todos os vapores novidades e estão vendendo a preço sem competencia.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua do Ouvidor, 84
RIO DE JANEIRO

AO GANHA POUCO

86. RUA DO OUVIDOR, 86—RIO DE JANEIRO

FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Tem sempre grande variedade em tecidos da mais ALTA NOVIDADE, immenso sortimento de roupas brancas para homens e senhoras

Enorme quantidade de roupa de cama e meza

Preços extraordinariamente reduzidos

VENDAS A DINHEIRO

Divisa d'esta casa: vender muito e ganhar pouco

M. FONSECA

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Importação directa

Preços razoaveis

Pautação e Encadernação

Sellos, Guimarães & C.^a

Objectos para escriptorio e desenho

Livros para Escripuração

22—Rua do General Camara—22

RIO DE JANEIRO

MARTINS, VIANNA, VAZ & C.

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.^A e VIANNA, CASTRO & C.^A

Fabrica de marmelada

Fructas em conserva

Assucar em grosso e refinado — Confeitaria
— Molhados — Velas —
Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma VAZ

Caixa postal — 484

154, Rua de S. Pedro, 155
67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO

A LA
FASHIONABLE

CHAPEUS
Para senhoras e creanças

ANGELINA JUSTI

Rua de S. Bento, 27 - A

S. PAULO